


José Carlos Rolhano Laitano

Yossef

o judeu errado

romance

editora  metamorfose


wwlivros

José Carlos Rolhano Laitano

Yossef

o judeu errado

editora  metamorfose



wwlivros

Texto de acordo com a Nova Ortografia

Edição e Revisão Linguística

Marcelo Spalding

Diagramação

Marcelo Spalding

Conselho Editorial da Editora Metamorfose

Ana Mello, Carolina Magalhães, Débora Porto, Graziana Fraga dos Santos,
José Carlos Rolhano Laitano, Marcelo Spalding e William Boenavides

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L189y Laitano, José Carlos Rolhano
Yossef: o judeu errado / José Carlos Rolhano
Laitano. - Porto Alegre: wwlivros, 2016.

146 p. ; 14X21cm. - ISBN: 978-85-68175-46-0

1. Literatura Brasileira – Ficção 2. Literatura
Gaúcha - Ficção I. Título.

CDD B869.3

Bibliotecária Alexandra Naymayer Corso – CRB10/1099

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Metamorfose

www.editorametamorfose.com.br

Este texto assombrou-me desde 1992, quando visitei o Museu do Louvre e deparei-me com a obra de La Tour, Saint Joseph Charpentier, quadro onde predomina o claro-escuro, uma vela iluminando os rostos e a frente dos corpos de José e seu filho, este como que formulando pergunta ao pai; ele, focado na tarefa de perfurar um grosso caibro.

Então veio-me à mente – e dali não mais saiu – a questão existencial desse homem predestinado a ser pai sem filho e marido sem mulher, segundo a tradição religiosa. Como foi sua vida como ser humano? E a minha tarefa nos vinte e dois anos seguintes foi tentar responder a esta indagação através da narrativa ficcional, distante dos parâmetros religiosos. Espero ter logrado êxito.

Dedico esta obra ao Prof. Dr. Carlos Jorge Appel, quem primeiro analisou este texto e, antes, confiou em meu potencial literário, editando as primeiras obras; à minha esposa Clara Luci, aos filhos Carlo e Daniela e neto Carlo José, que suportam o processo de criação.

CAPÍTULO UM

Yossef saiu cedo de casa, em Nazaré, puxando o jumento carregado com madeiras e ferramentas. Os seis quilômetros até Séforis exigia hora e meia de viagem, isso se o animal não resolvesse embestar; quando decidia trancar as patas, nem com pauladas voltava a andar. Passou pelo poço da aldeia, encheu o bernal com água fresca e permitiu que Caim, o jumento, satisfizesse a sede no pote de barro, o bebedouro dos animais.

Era meado de fevereiro, o inverno não estava sendo rigoroso nesse ano, o clima estava ameno, bom para caminhadas. Puxou Caim pela corda, colocou-o na estrada e logo contornaram a colina a oeste e ingressaram no vale verdejante e salpicado de pequenas flores do campo, as folhas das árvores perdendo o marrom do frio.

Yossef imprimia passadas largas, atento ao horizonte, à direita e à esquerda, para não ser surpreendido por bandoleiros ou soldados. A Palestina estava em polvorosa, rebeliões estourando aqui e acolá, o exército romano, com apoio dos soldados do rei Herodes Antipas, era imbatível nos campos de batalha e na conquista de cidades e fortificações, porém a guerrilha empreendida pelos zelotas mostrava variedade bélica até então desconhecida, com golpes traiçoeiros nas estradas desertas, ataques relâmpagos nas esquinas escuras das cidades e povoados, a flecha que

zunia a partir do nada. A indumentária dos soldados era pesada e dificultava a mobilidade, ao contrário dos insurrectos zelotas que eram gente do povo, vestiam-se como povo com suas túnicas surradas e sandálias gastas.

Yossef sabia – todos do povo tinham conhecimento – que Séforis seria atacada em futuro breve. Há três anos morrera o rei Herodes, o Grande, e seu filho, Herodes Antipas, com apenas dezessete anos, assumira o trono e decidira permanecer em Séforis, preocupado em reordenar a coleta dos impostos que, com a morte do pai, desorganizara-se. Mesmo Yossef deixara de pagar o seu quinhão durante mais de ano e, graças a essa economia, lograra adquirir algumas ferramentas de ferro que mandara vir da costa e ajeitar a sua casa para o casamento que se avizinhava.

Elegera, no ano anterior, um local de descanso, mais ou menos no meio do caminho, à sombra de figueira antiga, com seu tronco largo e pleno de galhos fortes. Ali colocara uma pedra para sentar enquanto Caim escolhia algumas ervas no chão para comer. Lá longe avistava a pequena montanha, com quase 300 metros de altura e, em seu cume, a capital política e administrativa de toda a Galileia, onde a elite militar e política vivia às custas do sacrifício dos trabalhadores. Desprezava essas pessoas, mas dependia delas para seu sustento, era no palácio e em algumas casas que encontrava serviço que pagasse bem, como esse que estava prestes a entregar ao centurião Tito Flavius, comandante da tropa romana na região. Acima do centurião, na Palestina, somente o general Giulio Cesare, que adotara esse nome para agradar o imperador, agora assassinado.

A Galileia contava com duas centúrias, cerca de duzentos soldados, mais os homens do rei.

Não entendia bem o problema político, sabia apenas que, de um lado, estavam os donos do poder e do dinheiro; do lado oposto e combatente, os zelotas. As razões da luta, se é que haviam, ele desconhecia, mas os impostos e um pouco de religião eram bons motivos, é claro. Desconfiava que Bar-Yona, o velho, era chefe de alguma coisa e ele discursava o tempo todo para pequenos grupos citando os gregos e os essênios.

Finalmente iniciou a subida até a cidade que estava banhada de sol e a brisa suave roçava as folhas das árvores, que eram abundantes ao redor da montanha. Aproximou-se do portão de entrada e avistou a barreira de soldados. Mesmo sendo conhecido, nunca facilitou com os soldados, dada a truculência militar, fez mesuras, saudou o rei e o imperador, mostrou a carga que transportava. Liberado, ingressou na via principal e divisou, lá no fundo, o palácio; mais perto de si, à esquerda, a casa do centurião Tito Flavius. Bateu palmas próximo ao portão e aguardou que um escravo viesse abrir a passagem e depois o guiasse até onde estavam os assentos que devia consertar.

Quando saiu da casa do centurião, findo o conserto, viu Yair, o Sacerdote-substituto, parado nas proximidades. Cumprimentou-o e Yair disse-lhe que Zacariah, sacerdote titular do Templo de Séforis, queria conversar. Yossef pensou o que poderia Zacariah tratar com um mísero artesão, mesmo que parente distante, mas como seu casamento avizinhasse, talvez fosse esse o assunto, embora jamais

cogitasse em convidar aquela autoridade para uma cerimônia tão simples – e agora um pequeno sobressalto! – estaria ele cobrando alguma taxa extra pelo casório? Está bem, respondeu a Yair, mas antes devo passar pelo mercado para comprar pregos. E sem olhar na direção do substituto, seguiu pela viela de baixo.

Mais tarde bateu na porta do Templo, foi recebido por Yair e conduzido até Zacariah, que se ocupava com algumas aves que deveriam ser sacrificadas na manhã seguinte.

Em primeiro lugar, disse-lhe o sacerdote, quero cumprimentá-lo pela festa que está por acontecer.

Yossef tentou mudar a conversa para evitar a cobrança de taxa e, ao mesmo tempo, agradecer o rabino:

Soube que o senhor será pai, como está Isabel?

Zacariah surpreendeu-se com a intimidade proposta por aquele súdito e parente. Com um olhar mandou que Yair saísse e completou com ordem seca:

Leve as aves para banhá-las com água e sal.

Depois que o substituto afastou-se, Zacariah, a contragosto, reconheceu que a esposa estava grávida e que ela iria para Ein Karem para tratar da gestação e do parto junto aos familiares que lá residiam.

Yossef sentiu que alguma coisa estava fora de lugar, alguma coisa não estava sendo dita, estranho livrar-se da mulher logo depois de prenha, mas tudo bem, o sacerdote tinha suas razões e ele não era besta para perguntar. Então manteve-se em silêncio.

Zacariah, vendo o outro calado, mudou o tom de voz e, dando agilidade ao corpo, apontou para as cadeiras e ordenou que fossem examinadas, estavam rangendo e al-

gumas ficaram tortas, o serviço seria pago com a isenção de metade do dízimo daquele mês.

Yossef ensaiou protestar, mas pensou que poderia cair em pecado e, pior, que o dízimo fosse duplicado face o casamento, então manteve o olhar nos pés e concordou debilmente com a cabeça. Zacariah pertencia à elite, ao poder, não estava do seu lado, seriam opositores? não, oposição, para o rabino, eram os zelotas. Prometeu retornar nos dias seguintes e saiu.

Ao ingressar na segunda rua deparou-se com Bar-Yona – mas hoje era o seu dia! – e Bar-Yona estava acompanhado por dois homens.

Yossef! exclamou o velho, que alegria encontrá-lo. Meu cajado está gasto de tanto trilhar por esse mundo e você é a pessoa certa. Faça-me outro igual que buscarei amanhã na sua casa.

Yossef repetiu o gesto de olhar os pés assentindo levemente com a cabeça, e seguiu adiante, saindo de Séforis, agora com passos frenéticos, repetindo puxões raivosos na corda amarrada ao pescoço de Caim. Passou célere pela figueira e sua pedra de descanso e só se deteve no poço da aldeia, estava irado, Bar-Yona era zelota – e muito quem sabe um chefe – e nada lhe pagaria pelo cajado, diria: contribuição para a causa! Após saciar a sede, lavar a cabeça e os braços e permitir que Caim bebesse o quanto quisesse, ultrapassou meia dúzia de pequenas residências e entrou em casa, dispensou o jumento, que se encaminhou para a manjedoura. Soltou o bode, que correu porta afora para procurar alimento nas cercanias da aldeia onde começava a crescer a vegetação; mais tarde, saciado, retornaria.

Sempre foi um sujeito calado, não era magro e nem barbigudo, de boa estatura, a imagem que fazia de si mesmo. Passava o dia calado, e quando se obrigava a responder uma pergunta de cliente ou vizinho, sua argumentação a respeito dos fatos da vida não ultrapassava uma frase de poucas palavras. Preferia escutar cutucando a barba com a ponta dos dedos, olhando o peito ou o queixo do interlocutor, quase nunca mirava os olhos alheios, especialmente fosse uma mulher, e os conhecidos entendiam esse comportamento como timidez. Mesmo nos negócios era econômico no falar, ao contrário dos seus vizinhos e do pessoal do mercado de Séforis, ávidos em comerciar aos berros, discutindo preço até o limite da perda do cliente, quando então concordavam no pagamento. Yossef apenas indagava ao interessado sobre o modelo do móvel ou ferramenta desejado, verificava algum detalhe mais importante e logo dizia o valor final, isso quando o cliente não era o rei, o centurião, Zacariah... ou Bar-Yona. Mudo mantinha-se durante a arenga do cliente bradando contra a carestia, contra os impostos, contra o governo, contra os romanos. Ultimamente alguns clamavam também contra os zelotas que estavam conseguindo a proeza de piorar a vida, prejudicar os negócios e encher as cidades e estradas de soldados, até mesmo nas paragens esquecidas do mundo.

Jogou restos de comida para os três patos, no pátio, e o macho logo impôs sua condição exigindo prioridade, bicando as fêmeas, que fizeram enorme alarido.

Sua freguesia garantia-lhe o necessário para sobreviver, e ele era comedido nos gastos, ao contrário dos que desperdiçavam o dia ao redor do poço ou nos cantos do mer-

cado de Séforis, lembrando maldades do rei morto e do seu filhote que estava gastando fortuna com a construção de aqueduto. E o filhote aproveitava para desviar dinheiro para beneficiar sua concubina, mulher de um comerciante quase falido e jurado de morte se bancasse o macho com o rei. Ela era uma mulher feia e sem graça, o que esperava dela um rei com vinte anos e com todas as mulheres dispostas a ceder-lhe os seus encantos? Enquanto isso, os mais simples do povo, como esse pessoal de Nazaré, perguntava como será a janta de hoje? o que teremos no almoço amanhã? e de nossos filhos, o que será?

Aproveitando galhos e sobras de madeira, preparou o fogo, que começou tímido como ele, e avolumou pouco a pouco na medida em que se alimentava de novos gravetos. Yossef burlava as conversas políticas e pouco se preocupava com as ações militares, tratava da sua vida particular, em garantir comida na mesa, e melhores preços para as ferramentas e insumos, para evitar prejuízo. Lidava com a madeira e com a imaginação para criar obras de arte, mesmo que a encomenda fosse um pequeno banco ou uma vassoura, ou esse cajado de Bar-Yona. Sua fé em dias melhores decorria da coroação do novo Rei Herodes Antipas, igual ao pai até no prenome, fazendo gastos em obras inúteis, prometendo ser implacável na cobrança de tributos, feroz na campanha contra os zelotas, mas, sabe? um novo governante, e tão jovem, traz consigo a ideia de mudança – para melhor, porque piorar só com milagre do diabo.

Colocou água na panela de barro e alojou-a sobre o fogo, fazia sopa de carne, a sua janta solitária. Entristecia ao ouvir comentários a respeito de Nazaré, menosprezada

como vilarejo, os viajantes indagavam, aos risos: pode sair algo de bom de lá? e chamavam os pobres que passavam: ô, nazareno!, puro despeito, essa gente pouco usufruía da paz que existe em Nazaré, o tranquilo entardecer de todos os dias, a certeza de encontrar intocados, na manhã seguinte, animais e apetrechos de trabalho, sem a presença de ladrões que se multiplicavam nas estradas do país.

Amarrou as duas cabras, colocou o banquinho ao lado das patas e iniciou a ordenha, enquanto a água esquentava. Tinha consciência que habitava a região mais fértil da Palestina – todos diziam isso – de onde partiam produtos para abastecer as cidades da costa do Mediterrâneo, como Tiro, Sidônia, Dor e Ptolomaida. Para o lado do nascer do sol estava o Mar da Galileia, denominação exagerada para o lago que dá vida ao rio Jordão, com montes e colinas por todos os lados, com vinhas, oliveiras e várias espécies frutíferas, na verdade nunca fora até lá, mas ouvira falar, a sua existência resumia-se a Nazaré e Séforis. Estava convicto de que a riqueza da Galileia provinha da vontade do Todo-Poderoso, mas igualmente do labor sofrido e suado das pessoas, como ele, que fizeram nascer árvores e plantas, aproveitando cada palmo de solo arável, evitando que o deserto do sul tomasse conta, e o resultado de tanta abundância só podia causar inveja e inveja é raiva e raiva lembra os samaritanos que atacam na estrada cobrando pedágio de quem cruza suas terras na direção de Jerusalém, os samaritanos eram gente de quem se devia manter distância.

A água ferveu e a ordenha estava finda. Guardou o leite, soltou as cabras, que logo começaram a comer, jogou um pedaço de carne na panela e sentou para descansar.

Não costumava conjecturar tanto, era homem prático, de ação, não era de pensamentos como Bar Yona, e também porque nutria ao menos resquício de confiança no novo soberano e, além de tudo o mais, estava na hora de assumir uma nova etapa da sua já alongada vida: devia casar com a menina prometida.

CAPÍTULO DOIS

Nazaré era uma aldeia com trinta casas de construção simples e dois galpões que serviam a todos, onde armazenavam o resultado das suas colheitas. À exceção de Yossef, todos eram agricultores. O plano viário, digamos assim, surgiu ao acaso, o filho levantando sua residência ao lado do pai, outro mais adiante, a aldeia formando meio círculo, meio quadrado e, na ponta, o poço. Isso era tudo. Fora do perímetro das casas estava o espaço livre, no começo do vale, e ali cada um reservou um pedaço de terreno para suas plantações. Como posseiros, porque dono era o rei. A casa de Yossef era a maior de Nazaré: além da sala, contava com a oficina e um pequeno pátio.

Sua habitação recebeu melhorias com vistas ao casamento, a começar pelo quarto num patamar superior, grande novidade na cidade. Uma coisa é morar sozinho, vida de solteiro, os pertences deixados em qualquer lugar pela falta de tempo, todas as horas do dia empregadas na preparação da madeira, na construção de objetos, nas idas e vindas a Séforis, seu pensamento voltado para os modelos que devia elaborar, a exigência dos clientes ricos, o cuidado com bandoleiros na estrada, a chatice dos soldados, a proximidade com os zelotas. Bar-Yona residia na casa defronte à sua, está certo que pouco ficava lá, sempre viajando, quase não tinha dúvida de que ele era um chefe

revolucionário e sua casa em Nazaré apenas um refúgio.

Mas como aproximava-se a data do casamento, algumas modificações deviam acontecer na casa, a começar pelo quarto, na parte superior, um luxo que presentearia à sua esposa. Depois, a porta de entrada, que aumentou até a altura suficiente para que necessitasse curvar-se para passar, embora a tenha mantido estreita. Os marcos foram aplainados em moirões de carvalho e esculpidos com formão, cada face com trinta centímetros para durar a eternidade. Duas portas, na verdade; a outra, simples e comum, dando passagem para o pátio, nos fundos e, dali, para a oficina. A casa com teto baixo, agora remodelado para caber o quarto: altura antiga na parte da sala e uma espécie de degrau no lado das manjedouras. As paredes continuaram descoloridas pelo simples fato de que ninguém perdia tempo com tais cuidados. A residência era um pequeno quadrado numa viela onde mal passava uma carreta pequena, casas em ambos os lados e, como já dito, seu vizinho de frente era um velho estranho de poucas palavras como ele, que vivia só e quase nunca estava por ali. A casa de Yossef distava menos de cem metros do poço, e do poço percebia-se as colinas, o vale e ali iniciava o caminho para Séforis.

Orgulhava-se por ter elaborado a porta de entrada da sua casa, três meses de trabalho, nos finais de tarde, quando as encomendas davam folga. Evitou usar a prancha inteira na porta, como era costume, unindo tábuas estreitas, casadas entre si com machos e fêmeas, todas seguras por barras transversais de uma ponta a outra, por dentro e por fora. Finda a lida com martelo, prego e plaina, passou sebo de ovelha para melhorar a proteção contra a chuva e o

sol e concluiu com polimento. Uma beleza! As paredes da casa haviam sido erigidas com pedras irregulares, bem justapostas, e completas com folhas de árvores misturadas com barro pisoteado, serviço feito com apuro e auxílio do pai Cleofas. Janela, só uma, acanhada, nos fundos, na cozinha, dando vista para o pátio. Dentro, a parede da esquerda, sem móveis e objetos, servindo como corredor; tudo o mais à direita, ou seja, as manjedouras e, ao lado das manjedouras, a escada dando acesso ao quarto no andar de cima; de fato, uma galeria estreita acima dos animais. Junto à parede dos fundos, o fogão de barro e o pequeno armário com tigelas, panelas e vaso de água eram guardados no armário, pouca coisa; prato e caneca, sobre a mesa. No pátio, quem sabe um dia, um poço exclusivo.

Era marceneiro, portanto dispensava possuir outros animais e os poucos de sua propriedade ajudavam, com seus corpos, a aquecer o ambiente no inverno. Sua fauna era aquela e a tratava ao chegar em casa: o bode, as duas cabras para o leite e o queijo; o pato e as patas para os ovos e carne; e, é claro, Caim, o jumento que transportava a madeira pesada.

Naquele início de noite considerou que tudo estava pronto, melhorar o lugar só com a presença de uma mulher.

Depois, os filhos.

O casamento na Palestina pouco diferia de outras nações, em especial da Grécia.

Para Yossef tudo começou três anos antes quando Mariah completou doze anos. Mais para trás, primeiro ela foi

apresentada ao Templo, para Zacariah, quando contava com três anos de idade. Aos doze, seu pai Ioiaqim procurou Cleofas. Dos possíveis pretendentes, mesmo pobres, Yossef era a melhor escolha por ser trabalhador e bem relacionado com o palácio. Já fora chamado pelo novo rei, Herodes Antipas, para modificar o trono real.

Ioiaqim e sua mulher, tios de Yossef, sempre residiram em Séforis e compravam produtos agrícolas de Cleofas, que mantinha uma boa horta em Nazaré e vendia suas frutas e legumes no mercado de Séforis, que outro local não tinha para comerciar.

As tratativas aconteceram de forma simples: a menina apresentou sua primeira menstruação, sinal que carecia preparar-se para o casamento ou correr o risco de ser vendida como escrava, que mulher solteira não podia ficar criando despesas e cuidados em casa. Ioiaqim entregou o pedido a Cleofas e discutiram longamente a quantidade do mohar, afinal ele criara uma donzela e donzela era investimento custoso e de muitas inquietações, obrigando-se a enorme prejuízo com roupas e alimentos. Mariah era analfabeta, como quase todas as mulheres, mas estava estudando com a mãe os serviços de cozinha, corte e costura, como quase todas as mulheres. Considerando a idade da moça restou estabelecido um valor justo, de dez ciclos. Cleofas pagou com cara de sofrimento e o dinheiro serviu para o custeio para o enxoval de poucas peças e outras despesas da família e a própria Mariah rodou o tear alongando tecido, acostumando-se à tesoura e agulhas, lidar com roupa sempre fora um passatempo agradável às mulheres, o que lhes permitia sentar na sala e tagarelar

sempre que ficassem liberadas da cozinha, do estábulo, da horta e do poço.

O que nunca foi dito é que Cleofas facilitou o contato inicial com Ioiaqim a pedido do filho, que se sentia muito só e necessitado de companhia feminina. Além disso dispunha de casa própria e ofício, sendo pessoa resolvida profissionalmente, e acreditava que Ioiaqim concordaria com o casório, afinal era seu tio, e assim devia pensar Mariah, sua prima. Queria Mariah porque não havia muitas meninas disponíveis e nenhuma era bonita como ela, as poucas fêmeas eram disputadas antes que os pais mais pobres vendessem as filhas para honrarem o pagamento dos tributos reais e elas findavam escravas de gente rica.

Inicialmente Cleofas opôs-se à intenção do filho porque teria que desembolsar o mohar, mas Yossef comprometeu-se a, secretamente, alcançar-lhe o dinheiro e assim burlar a tradição que impunha esse ônus ao progenitor.

O contrato foi selado e uma certeza envolveu Yossef: celebrado o casamento, estaria desobrigado de ir para a guerra, vestir uniforme, lutar contra os zelotas ou qualquer estrangeiro, e isto serenou seu espírito. Nos três anos que antecederam o matrimônio ele preocupou-se com a reforma da casa e em trabalhar bastante mais, teria outra boca para sustentar. Não durou muito para que lhe pedissem a construção de cruzes e a primeira era para um zelota preso. Primeiro, recusou, porque crucificação parecia-lhe invenção dos romanos; depois, porque ali morreriam muitos zelotas e os zelotas não eram bandidos, não eram seus inimigos, ele apenas não concordava com a violência, e Bar-Yona, seu vizinho eventual, era boa gente; finalmente,

sua relutância baseava-se na opinião de que lidar com a morte era tarefa dos velhos.

No dia do casamento ele providenciou a ordenha das cabras, alimentou os outros animais e banhou-se no pátio, excepcionalmente pela segunda vez naquela semana. Cleofas, um tanto constrangido, cortou o excesso de cabelo e aparou a barba do filho. Tocar outro homem era quase pecado. Vestiu roupa limpa, a túnica cor creme com listas coloridas, presente de sua mãe, cobriu a cabeça com o manto vermelho de lã, apertou o cinturão de couro. Enquanto vestia-se, cumpriu outra etapa do ritual e recitou a sua genealogia, como compromisso de sempre lembrar os antepassados: Eli, Natat, Levi, Melqui, Janai, José, Mata-tias, Amós, Elmad, Isaac, Abraão, Arfaxad, Noé, Matusalém, Henoc, Jared, Caim, Adão. A lista estava incompleta, mas era o suficiente para preservar a memória da família.

A comitiva que o conduziria até Séforis era diminuta: os pais Cleofas e Maria; os irmãos Santiago, Simão e Judas; alguns vizinhos e, para sua enorme surpresa, Bar-Yona, com seu novo cajado. Quando o grupo postou-se frente à porta da casa, Yossef saudou as suas testemunhas, levantando os braços:

Benditos os que me arrimam nesta hora, feliz o homem que conta com amigos.

Santiago, o irmão irônico, com turbante caído sobre as orelhas, completou, provocando gargalhadas entre os homens:

Mais feliz quem possui mulher.

Então o noivo liderou o cortejo até a casa da prometida, em Séforis, atravessando o vale, todos cantando ao ritmo de tamborins e pífaros, saudando e sendo felicitado pelas poucas pessoas com as quais cruzava. A caminhada iniciou pela manhã cedo para escapar do calor do sol. Na retaguarda do séquito, os três homens mais idosos mantinham-se distante cinco passos do grupo, evitando serem confundidos com a irreverência dos jovens, principalmente Santiago e Judas, que se alegravam com o irmão e, mais que tudo, com a festa onde teriam comida, bebida e dança, uma sacudida no marasmo de suas vidas.

Antes de sair de Nazaré, os moradores, em suas casas, cumprimentaram o noivo e prometeram esperá-lo no seu retorno com a esposa, para jogar arroz, o costume grego que a Palestina adotara. O sacerdote Zacariah costumava dizer que a alegria e a prosperidade de um filho garantia o futuro de todos.

Ao chegar a Séforis a comitiva aproximou-se da praça, rodopiou o poço e todos beberam goles de água salgada colocada em jarros pequenos, um serviço que o Templo confiava às meninas descompromissadas, mesmo que fossem crianças. Depois de ingerir água, todos lavaram as mãos e derramaram jatos de água nos pés como sinal de pureza para honrar a cerimônia de núpcias.

As testemunhas, naquela cena ao redor do poço, deviam atender a alguns preceitos ditados pela tradição. Tradição, porque o casamento não tinha cunho religioso, apenas civil, mesmo que oficiado pelo sacerdote.

Em meio àquele turbilhão, agora crescido por parentes e amigos da noiva, Yossef lembrou o primeiro encon-

tro com Mariah naquele local, anos antes, ele abraçado a cabos de enxada recém torneados, ela entoando pequenos cânticos com o cântaro de água apoiado na cintura e brincando de espalmar a mão na superfície da água do balde amarrado à corda do poço, sem permitir que os dedos afundassem, um contato epidérmico com a natureza. Fora encontro rápido, apenas troca de olhares entre dois comprometidos, ela baixando a cabeça envergonhada; ele silencioso, percebendo que as mulheres reprimiam o riso, doidas para mexericar.

O grupo seguiu até o Templo, deu a volta em torno do prédio saudando o Deus de Abraão e depois rumou para a casa de Ioiaqim, que estava iluminada com lamparinas, apesar do dia de sol, e dali exalava o cheiro bom de vinho. E do assado.

Logo à entrada, Yossef confirmou o contrato, recitando o preceito:

Ela é minha esposa, e eu serei seu marido para sempre.

O que ele não declarou, todos sabiam: o matrimônio seria duradouro na medida que a mulher cumprisse suas obrigações, mantivesse o olhar baixo e nunca redarguisse o marido, cozinhasse com diligência e atendesse aos afazeres da casa, caso contrário levaria surra ou seria condenada à morte, porque mulher era propriedade do homem e a este cabia dirigir as coisas do mundo. Sempre fora assim, assim sempre seria. A mulher só podia falar ao marido com as expressões ba'al (amo) e Adon (senhor), como faziam os escravos com seus donos e os súditos com o rei. Ela era parte dos bens do marido, juntamente com a casa e os animais domésticos. Mariah fora orientada quanto a

isso e também tinha conhecimento que só poderia herdar caso inexistisse concorrente varão. Compromisso que ela assumisse no futuro só teria valor com o consentimento do esposo. Além dos serviços caseiros, competia-lhe as lidas do campo, se campo houvesse, guardar rebanhos e, fosse o marido agricultor ou criador, transportar lenha. Tais imposições estavam no texto sagrado.

Indiscutíveis.

Os convivas, alguns, entraram na casa de Ioiaqim; os demais ajeitaram-se na rua, que lugar não havia para todos, e estranhos à festa estavam proibidos de aproximarem-se, pena de açoite. Começou a festa, as carnes e vinho servidos com moderação, o vinho era pouco e caro, a carne resultara do abate de duas ovelhas adquiridas por Ioiaqim.

Mariah, nos seus quinze anos, mostrou-se feliz, sem rir uma única vez, risada era conduta imprópria às fêmeas; apenas o sorriso mudo, o olhar acompanhando as conversas.

Yossef cuidou-a de longe sem preocupar-se com o singelo devaneio da esposa e nem com a festa, ele nunca trocara palavras com ela, o amor vem depois, ouvira dizer. Tentou adivinhar o tamanho dos seios ou a grossura das coxas, porém a túnica da noiva era larga. Prometeu, intimamente, ser bom esposo, dar glórias ao Senhor com muitas ofertas de sacrifício ao Templo e muitos filhos, para servir ao Deus de Moisés.

Olhando mais detidamente o rosto de Mariah, seus olhos brilhantes e sua boca carnuda, sentiu certa urgência em beijá-la. Ela vestia túnica com muitas pregas, como as gregas, o cinturão apertado realçando moderadamente os

seios e os quadris. Um manto, também branco, envolvia parte do seu corpo como fosse um xale, cobrindo a cabeça ornada com uma pequena coroa de flores. A forte palpitação debaixo da túnica fê-lo juntar as pernas, mal podia esperar o seu momento e ela emanava ar primaveril, os olhos pretos contrastavam com os lábios avermelhados. Dvidou, por instantes, se ela mordia os lábios por timidez ou sedução.

O rabino Zacariah mandou Yair, seu substituto, dar o sinal, e os noivos foram conduzidos até o chupá, uma tenda de seda levantada defronte à casa, apoiada em quatro mastros firmes, para relembrar o antigo modo do povo de Deus acampar no deserto. Yossef ingressou na tenda e ali aguardou a consorte. Mariah estava com a coroa de flores sobre os cabelos e a cabeça coberta com um fino véu. Aproximou-se acompanhada pelos pais e percorreu sete voltas em torno do futuro marido para protegê-lo dos demônios. Um lenço foi estendido perante o casal e seguro, de um lado, por Ioiaqim; de outro, por Cleofas. Depois Yossef levantou o lenço indicando sua concordância em cumprir as obrigações de marido e entregou o pano a Zacariah. Este, invocando o Deus de Moisés, declarou-os marido e mulher.

A ketubah foi assinada pelos noivos e pelas testemunhas como comprovante do enlace, na verdade apenas fizeram uma cruz por não saberem assinar. Beberam em duas taças o vinho oferecido: uma taça, simbolizando a alegria; a outra, a tristeza – que fossem marido e mulher na alegria e na tristeza, na bonança e na pobreza. Yossef entregou uma moeda para Mariah significando a aquisição

que estava completando.

Zacariah abriu o rolo da Torah, procurou uma parte do texto e, após pausa dramática para valorizar sua posição de oficiante, recitou, pausadamente:

*Bebe a água da tua cisterna a água que jorra do teu poço
não derrames pela rua o teu manancial
nem os teus ribeiros pelas praças sejam para ti, somente,
sem reparti-los com estranhos.
Bendita seja a tua fonte goza com a esposa a tua juventude
cerva querida, gazela formosa
que te embriaguem sempre as tuas carícias e o seu amor te satisfaça
sem cessar.*

Finalmente Yossef segurou o copo que estava ao seu lado, jogou-o contra o solo com força, espatifando-o, para que o som da quebra alertasse a todos que a felicidade do dia do casamento não dura a vida toda.

Encerrada a cerimônia, os noivos saíram da tenda e, outra vez, uma chuva de arroz cobriu suas cabeças como augúrio para a fertilidade. O casal dirigiu-se para o interior da casa, desacompanhados, e lá permaneceram para cumprir a Yichud: ali comeram os manjares da festa reservadamente, mas sem intimidades, nem um beijo era permitido.

Durante sete dias apresentaram-se na tenda para a renovação da bênção dos pais e de um quórum de testemunhas, retornando à casa para dar continuidade à privacidade.

Decorrida a semana, os pais declararam consumadas as formalidades e os noivos, outra vez acompanhados pela comitiva, atravessaram o vale na direção de Nazaré, ce-

lebrando cânticos de amor. O cortejo durou quase três horas e o céu estava cinzento, com nuvens escuras prevenendo possível temporal. Foram jogados punhados de arroz e flores durante o trajeto pelo vale e à frente das casas, em Nazaré, Mariah caminhou com o rosto velado e assim aportou à casa do marido. Doravante passava a pertencer ao clã do seu homem, exatamente como sucedia em Roma ou na Grécia.

A procissão estacionou, Yossef abriu a porta, Mariah entrou dois passos, examinou a sala com um rápido olhar, retornou à rua e fez o gesto de assentimento ao esposo. Nada falou, mas conforme o costume, deve ter pensado: esta é a minha casa, serei boa e honesta ao esposo, a ele dedicarei minhas vigílias e sobre o fogão debruçar-me-ei com alegria.

Os convidados despediram-se, o casal ingressou na casa, ela no colo, Yossef fechou a porta e, com forçada calma, colocou Mariah no chão e trancou a porta.

Voltou-se para a mulher.

Não a encontrou.

Procurou-a com olhos e ouvidos, uma brincadeira? jogo de amor? é assim que acontece? Foi até o pátio, percebeu um relâmpago solitário ao longe, examinou as manjedouras e ouviu a porta do quarto fechar-se. Está certo, pensou, vai aprontar-se, e outra vez sentiu as palpitações sob a túnica.

Espalhou comida para os animais, ordenhou de novo as cabras com excessiva rapidez, derramou água nos cochos, jogou restos de pão e verduras para as aves, guardou o leite no jarro e o depositou sobre o fogão, retornou ao pátio

para urinar, os relâmpagos estavam mais próximos, voltou à sala e subiu a escada.

A porta do quarto estava trancada.

Bateu.

Não obteve resposta.

Chamou por Mariah.

Silêncio.

Um raio disparou nas cercanias da aldeia, os animais reclamaram.

Bateu na madeira com mais vigor.

O silêncio persistiu.

Com um pontapé escancarou a porta, Mariah assustou-se, mas permaneceu sentada na beira da cama, vestida como antes.

A chuva despencou, pesada, pingos caíram no chão da sala.

Yossef sentiu-se intruso em seus aposentos, o rosto avermelhou:

Você é minha mulher, pertence à minha família, meu pai pagou o mohar, cumpri todas as formalidades, inclusive a espera por anos e sequer dirigi a você qualquer palavra, apenas intenções. Os amigos jogaram arroz com votos de fertilidade, as testemunhas comeram e beberam na festa, todos tributamos graças ao Senhor. Falta a consumação, o selo do nosso pacto, um direito meu!

CAPÍTULO TRÊS

O costume judeu determinava que o marido comparecesse ao Templo na primeira semana do casamento para fazer oferta em nome do casal. Podia matar a mulher, mas se faltasse ao Templo sofreria a desgraça eterna, no céu e na terra, aqui permaneceria sozinho, sem mulher e sem filhos, e sua velhice estaria desprotegida.

Yossef escolheu o dia geral dos sacrifícios, quando muitas pessoas levam suas oferendas, uma jornada de intensa atividade para os sacerdotes e também no mercado, ali ao lado, com a venda de flores, pequenas lamparinas, sobretudo animais para os sacrifícios, pois nem todos eram agricultores, e mesmo estes nem sempre podiam dispor da sua exígua criação, preferindo a compra ou escambo de seus serviços ou produtos agrícolas ou artesanais por bichos de pequeno porte. Os mais abastados ofereciam, ao menos uma vez ao ano, um boi, cordeiro ou cabrito para o holocausto. Quem pecasse por ignorância, oferecia uma ovelha ou bicho de pequeno porte e o sacerdote comia a carne principal e devolvia o resto. Se o pecado fora intencional, o rabino reservava para si a totalidade. O ofertante tinha a obrigação de levar vinho e farinha; o rabino ficava com a mesma quantidade que derramava sobre o altar; a farinha, um punhado era lançado na direção do altar, o mais levava para casa. Mulher não podia ingressar no Tabernáculo se

tivesse parido há menos de quarenta dias, se menino; ou oitenta dias, se fêmea. A elas também era vedado servir como testemunha por falarem muito e pela fragilidade do sexo.

A recepção das oferendas estava a cargo de Yair porque Zacariah estava atrasado em razão de outras preocupações. Yair acolhia os animais, agradecia e mandava que um ajudante ocasional levasse os bichos para o pátio dos fundos onde o alarido dos patos e outros bichos atordoava quem por ali estivesse. Nada devia acontecer até a vinda do sacerdote titular, que reservava para si a tarefa das imolações, não só por ser o chefe, como para garantir a carne que abarrotava a despensa da sua casa, para desagrado do seu substituto.

Yossef desconfiou que a ausência de Zacariah tinha a ver com sua mulher Isabel, os comentários no mercado haviam começado, mas isso pouco importava, pois eram parentes distantes e Zacariah era membro da elite em Séforis, não visitava a linhagem mais pobre com receio, era provável, que lhe pedissem dinheiro emprestado ou que aparecessem em sua casa na hora das refeições. Yossef não mantinha relação de afeto com o primo, o que significava, nos limites dos encontros fortuitos, perguntas sobre a saúde da família ou apenas gesto mudo de cumprimento. Também havia a diferença de idade, o primo ombreava com o pai Cleofas, era um velho, portanto, e, mesmo idoso, engravidara Isabel, quase tão velha quanto o marido e, acaso, ela também prima de Mariah. Tudo em família.

O assunto sobre a gravidez era, como dizer, sugerido em conversas do mercado por homens que não ousavam

comentar abertamente, muito menos expressar dúvida quanto à honra varonil do sacerdote. Apenas frases por metade, olhares brilhantes, gestos interrogativos, os linguarudos controlando os arredores antes de falar, garantindo-se contra eventual espião de ouvidos apurados que pudesse lhes causar mal. As mulheres, junto ao poço, riam sem abrir a boca, os olhares e mexidas de nariz diziam seus pensamentos, a diversão era descobrir a identidade do verdadeiro pai.

Yossef sabia disso tudo porque o mercado era parte do seu mundo. A situação do primo era constrangedora, Cleofas havia comentado que o rabino queria ser promovido para Jerusalém para ocupar o posto de Sumo-Sacerdote substituto, ou coisa parecida, e um escândalo era tudo o que não lhe interessava. Yossef pensou nessas coisas, acorrido ao lado da porta do Templo, até visualizar Zacariah aproximando-se num caminhar dificultoso por causa das dores na coluna, o que piorava nos dias de chuva.

Ante a presença do rabino os fiéis movimentaram-se nervosos e todos sabiam que ele estressava-se com o atendimento ao público, muito mais agora que o dinheiro desaparecera da região, o empobrecimento agravara-se, o pecado grassava entre a plebe, aumentando o número de expiações e sacrifícios para aplacar a ira divina, e só ele, Zacariah, desossava os animais, trabalhando mais para receber menos.

Conforme Cleofas, que era mais próximo ao primo, este não costumava reservar tempo para as leituras sagradas, era mais chegado à ação, mesmo porque para aquela gente inculta não carecia filosofar, dizia que, para a Salva-

ção, basta orar com palavras simples, saídas do coração. Filosofia era passatempo dos gregos.

Yossef raramente ouviu Zacariah mencionar o governo, muito menos os romanos e sequer aludia aos impostos. A pobreza generalizada significava redução do dízimo, empobrecimento do Templo e Zacariah gastava os dias mal-humorado. O máximo que testemunhou foi ele afirmar, numa certa oportunidade, que estavam vivenciando época propícia para a demagogia e falsos profetas, que o farisaísmo devia ser reformulado antes que surgisse um novo messias populista e aproveitador. Yossef pouco entendeu o que ouvira, porém assentiu com a cabeça e preferiu pensar onde encontrar madeira branca.

Zacariah entrou no Templo e fez sinal para que Yossef o seguisse. Mal o sacerdote percorreu três metros e foi abordado por um homem, encurvado pelo temor reverencial, que colocou aos seus pés uma cesta com frutas:

Trago a primeira colheita da nova estação que está adiantada, como manda a lei. A primeira cria das ovelhas morreu, o parto foi difícil... uma pena!

O sacerdote afastou-se para evitar ser tocado pelo sujeito:

Você continua devendo o dízimo, homem!

Senhor, necessitei pagar o imposto que o rei cobrou porque meu filho completou vinte e um anos.

Dízimo é dízimo.

Senhor, há mais de dois meses não chove o bastante, o pasto está ralo.

Pois bem, faça a entrega como de costume e, na próxima vez, aguarde na entrada como os demais que sabem

cumprir os seus deveres.

Zacariah foi em frente com Yossef ao seu lado e, para seu pasmo, o rabino segredou-lhe:

Esta é a parte mais desagradável do meu ministério, receber diretamente os pagamentos, dinheiro, produtos... mas qual a alternativa? O profeta afirmou que precisamos comer, beber e vestir para dedicar-nos ao Altíssimo.

Yossef pensou que o rabino tinha a sua parcela de razão, era o representante de Deus, com o encargo de conduzir almas, realizar pequenos julgamentos e remeter os casos mais graves para o Sinédrio, em Jerusalém. Obrigava-se a conviver com os romanos que mantinham a população sob perpétuo estado de lei marcial, o governador à espreita de nova oportunidade para invadir o Templo, na capital, para aniquilar o moral dos judeus, submetendo-os ao limite do indizível. Qualquer conduta era interpretada como ofensa aos interesses de Roma e merecia reprimenda com flagelo, confisco, desterro, cativoiro ou crucificação. E Zacariah, é claro, não podia perder o emprego.

Passaram pelo átrio: os fiéis com seus animais para o holocausto, atendidos por Yair que anotava nomes e intenções. As queixas eram, no geral, disparatadas, e no entendimento de Zacariah, essa gente não aprendia a viver. Quando passou por Yair, Yossef entregou-lhe, num gesto rápido, o pato que trazia com bico e pernas amarradas, e murmurou: pelo meu casamento.

Yossef concordava que as pessoas deviam solucionar seus conflitos sem incomodar as autoridades, porque as autoridades possuíam compromissos em excesso, Herodes Antipas pretendia transformar a vila de Betaramfta em

fortaleza e denominá-la Giulia, para homenagear uma mulher romana. Além disso, os zelotas prometiam confusão no horizonte.

Zacariah abriu a porta do Hekal – a sala de aula – onde algumas crianças aguardavam para a iniciação religiosa que obrigatoriamente devia acontecer naquele mês. Cumprimentou as crianças e indicou a janela que Yossef precisava consertar e o fizesse logo e sem barulho.

Yossef examinou o caixilho e logo percebeu que estava rachado. Quis comunicar o defeito e indicar a providência – e o preço – mas o rabino começara a aula e nada ou alguém neste mundo podia interrompê-lo. Acocorou-se sob a janela e aguardou.

Zacariah estava falando:

A expiação acontece no dia de pedir indulgências a Deus pelos pecados, é o momento de fazer as contas da grandeza e da indecência dos homens, é o momento de retornar a Deus, de implorar o perdão.

Yossef olhou os meninos, que estavam contidos, como quem nada entende.

Zacariah fez pausa, olhou com severidade a cada um:

A cerimônia mais importante é o borrifo de sangue das vítimas sobre o altar e, depois, a purificação do lugar sagrado que ficou contaminado pelas faltas morais dos pecadores.

Nova pausa.

Nenhum de vocês poderá jamais ver o altar de incenso colocado na câmara que existe defronte o local onde fora erguido o Santo dos Santos – o local sagrado, depositário das Tábuas da Lei, a Torah... mas isso lá em Jerusalém.

Quando o Primeiro Templo foi destruído, os bandidos roubaram a Arca da Aliança que continha as Tábuas recebidas por Moisés, no Monte Sinai. Aqui em Séforis temos cópia dos pergaminhos.

Novo silêncio e o olhar abrangente e autoritário do professor:

A queima do incenso tem o poder da penitência, comparável à prece.

As crianças estavam boquiabertas, olhos arregalados, e uma delas tremia as mãos. O rabino subiu o tom da voz:

Se vocês permitirem que a dúvida ingresse em seus corações, juro que amargarão no Sheol durante todo o tempo do Gehinom para a sua purificação, será um tempo doloroso que poderá durar toda a eternidade.

Toda a eternidade? não se conteve um menino.

Zacariah olhou de soslaio para Yossef e confirmou:

É... para toda a eternidade... isso se sua alma não for destruída por sua maldade.

Os olhos enormes das crianças congelaram na figura do sacerdote, pareciam não respirar, algumas começaram a chorar. Yossef ficou estarecido, o inferno passara a fazer parte daquelas vidas, mais que fantasias e histórias narradas pelos anciãos, surgira para aqueles infantes uma nova realidade, uma fatalidade, porque mesmo aquelas cabecinhas sabiam que ninguém consegue viver sem que a dúvida nos assalte em algum momento da existência naquele átimo em que a mais rigorosa vigilância adormece.

A aula findou.

As crianças saíram correndo e Yossef, sem lograr disfarçar o abalo a que estava acometido, disse a Zacariah

que precisava buscar madeira na floresta para refazer os marcos danificados nas duas janelas e comprar pregos, e para tanto merecia um adiantamento.

Resmungando, Zacariah alcançou-lhe um dracma e preparou-se para sair apressado, decidiu que os sacrifícios seriam realizados em outra hora, ele aguardava a visita de um viajante que lhe contaria as novidades de Jerusalém.

Yossef pediu-lhe dois segundos, queria apresentar a prova do casamento, estava no prazo da lei.

Zacariah apenas voltou a cabeça e Yossef retirou do saco, pendurado à cintura, a túnica que Mariah vestira na noite de núpcias e ali estava a mancha de sangue.

Naquela mesma tarde Yossef entrou na floresta com a carreta puxada por Caim, percorrendo a estrada de terra cujas laterais mostravam árvores tanto maiores quanto mais afastava-se de Séforis. A certa altura surgiu uma trilha estreita que, saindo da estrada, ingressava no mato. Seguiu por ali cuidando que os galhos não batessem no seu rosto ou na cara do jumento, o que faria o bicho correr adoidado. Enquanto desbravava o terreno, examinava as árvores. Escolheu um tronco, verificou a casca e, com o machado, fez o corte. A árvore tombou, ele mediu o tamanho, separou o que lhe interessava, descascou e amarrou a tora na carreta que Caim, com certa relutância, arrastou.

Estava retornando, ainda em meio ao mato, quando um homem armado postou-se à sua frente. Logo recordou a notícia narrada no dia anterior, pelo pessoal do mercado, que um escravo romano fora atacado pelos sicários e os soldados, em repesália, mataram cinco peregrinos protegi-

dos pelos zelotas. Uma confusão! E aquele homem à sua frente tinha jeito de zelota, seria a sua vez de sucumbir? De cada lado do caminho apareceram outros dois homens. Yossef imobilizou-se e o pensamento correu até Mariah.

Um jovem de cabelo espesso aproximou-se e indagou: Você conhece Bar-Yona?

É meu vizinho.

Então você vai ajudar-nos a entrar na cidade.

É um ataque? perguntou e arrependeu-se, estava falando com guerrilheiros que percorriam campos e montes insuflando pastores e agricultores para queimarem a safra do ano e matar seus animais, ameaçando-os. Conforme os vendedores do mercado, a tática estava surtindo efeito porque Herodes Antipas abrandara as penas e concedera perdão a um e outro devedor de tributos. Naquela hora pensou que o mais indicado era calar a boca, as questões políticas não lhe interessavam.

A carroça saiu da floresta e subiu a pequena colina, devagar, Caim realizando grande esforço para puxar o peso, os zelotas caminhando atrás. Ao atingir o topo da elevação, com pouco arvoredo, Yossef concedeu tempo para o jumento descansar e os zelotas cuidaram nas proximidades à procura de soldados. Adiante, o povoado de Nazaré.

É um povinho miserável, disse um.

Gente sem pressa e sem ambição, ajuntou outro. O mundo pode pegar fogo que ninguém se comove.

Por isso Bar-Yona escolheu o povoado, considerou o líder do grupo, é um bom esconderijo.

Aqui só tem duas coisas boas, retrucou um jovem, a casa de Bar-Yona e o poço.

Yossef acompanhou a conversa com os olhos em Caim, preparando-se para descer a lombada, decidido a nada comentar, que não era besta.

O líder adiantou-se, empurrou Yossef, tomou as rédeas, enquanto os companheiros retiraram o tronco da carreta depositando-o na lateral do caminho, que o nazareno viesse buscá-lo outro dia. Subiram na carreta e acomodaram-se, acotovelando-se. Yossef usou o facão, podou alguns galhos e os colocou sobre os zelotas, escondendo-os.

A temperatura estava agradável naquele início de noite, o líder ordenou que Yossef parasse a carreta frente ao poço mas que, antes, garantisse estar a praça vazia, confirmasse se as mulheres tinham encerrado sua faina na busca de água e se os maridos estavam em suas casas, prontos para a janta. Seus companheiros de armas deviam esticar as pernas, saciar a sede e reassumir as forças para eventual combate. Yossef apavorou-se ante a possibilidade de meter-se na luta contra os romanos.

O balde de água passou de boca em boca.

Você tem notícias de Séforis? indagou o líder.

Está calmo, o rei só pensa em construir uma fortaleza, é o que andam falando.

Malditos fariseus! Cresci ouvindo-os repetir que o destino traça a vida.

Eu digo o mesmo, completou outro, mas sabe o que o povinho responde? Que lutar contra a correnteza dá um trabalho danado!

Yossef sorriu, era verdade. Olhou a ponta do cajado que o líder segurava, estava gasta, ofereceu a oficina para

rápido conserto, aqueles homens precisavam saber que ele não era inimigo, podiam deixá-lo viver.

O líder testou Yossef:

O plano é iniciar focos de incêndio por todos os cantos em Séforis. Herodes Antipas está com seus dias contados.

Yossef emudeceu mais do que estava, sentiu-se irremediavelmente comprometido, santo Deus! Percebeu que, mais ao fundo, na encosta da outra colina, alguns pastores acenderam fogueiras para passar a noite, poderiam estar percebendo a movimentação e comentar a sua presença com os zelotas, e sua vida tornar-se-ia um inferno parecido com aquele que Zacariah pintara para as crianças. Os pastores não relutariam em confessar ao primeiro soldado que surgisse.

Os homens abasteceram com presteza os sacos de couro com água fresca, retornaram à carreta e foram conduzidos até o seu destino. O grupo invadiu a residência de Bar-Yona.

Yossef deixou a carreta fechando a passagem da viela, dificultando o trânsito de possíveis curiosos, e não respondeu quando Mariah indagou quem era aquela gente. Jantou com pouca fome, lapidou a ponta do cajado do líder, atravessou a rua, examinou a casa, afinal Bar-Yona era um bom homem, quis consolar-se, ouvira dizer que o velho viera da região central da Palestina, adiante da capital, lá pelos lados de Qunram, não mais duvidava que fosse zelota, estava sempre viajando e apesar disso o velho comparecera ao seu casamento. Abriu o portão, espiou pela fresta da porta, os homens estavam ao redor da mesa e Bar-Yona explicava:

É verdade... desde que esse menino Herodes Antipas assumiu no lugar do pai... Séforis é helênica, imaginem a tradição grega jogada aos pés dos soldados...

O líder mostrou-se satisfeito ao saber que dois nazarenos (quem seriam?) colaboravam, como correio, até Séforis.

Bar-Yona completou:

Precisamos de tempo para organizar o ataque e as reuniões são perigosas.

O líder interrompeu:

Herodes está cooptando os saduceus?

O velho agitou-se, são os saduceus que alardeiam que Deus e Estado não se misturam.

E Deus não se mistura com os fariseus, ironizou o líder.

Todos riram, dispunham-se a lutar contra as forças mais poderosas do planeta e, mesmo assim, riam.

Bar-Yona ficou sério:

Barrabah, você bem sabe que os fariseus detêm o poder visível: sinagogas, polícia, impostos, justiça. Os saduceus conclamam o populacho como despiste, para evitar que organizem a resistência... eles são pessoas importantes que atuam nos corredores do palácio e do tribunal.

Então o líder chamava-se Barrabah, concluiu Yossef, relutando se devia entrar ou permanecer no lado de fora da porta.

Barrabah acrescentou:

Os zelotas pegam em armas e bradamos: o Senhor tem amor tão grande pela liberdade que abençoa os verdadeiros propagadores da Sua palavra.

Bar-Yona discordou:

Não, não, Barrabah. Este é um discurso difícil. O povo pensa de forma simples, concreta.

Os conceitos importam menos, não se filosofa com agricultores, apenas palavras de ordem.

O discurso é necessário.

Não, o discurso não é necessário, precisamos dizer as mesmas coisas, com as mesmas palavras, em toda a Palestina, para o ignorante e para o culto. Para o povo, palavras simples.

A verdade é uma, como falar diferente?

Séforis, por exemplo, é a capital da Galileia, meio grega, meio judia. A Judeia, até pelo nome, é a mais judia e atrasada das populações – Bar-Yona colocou outro jarro de vinho sobre a mesa e serviu-se. Ao homem comum acenamos com interesses imediatos e não com princípios revolucionários.

Barrabah silenciou, seus companheiros deitaram no chão. Yossef estava colado à parede querendo manter-se invisível, perguntando-se o que fazia ali e, ao mesmo tempo, concordando com o velho. Zacariah costumava criticar os zelotas, mas ele era um sacerdote fariseu e, como fariseu, acreditava na violência, inclusive assassinato, para livrar-se dos romanos opressores. Era sacerdote e aceitava a violência.

Barrabah bebeu o restante da caneca de vinho e deitou ao lado dos outros homens que dormiram dominados pelo cansaço.

Yossef considerou que o velho poderia alterar o discurso para algo como a cada um segundo suas necessidades e essas breves considerações findaram ao ouvir o primeiro

ronco. Olhou o vizinho de cabelos esbranquiçados que mirava pensativo o fogo da lamparina, mexeu-se para sair, mas o velho, sem virar o pescoço, fez um gesto com a cabeça e disse:

Yossef, agora temos laços comuns: a ideia e o segredo.

Yossef engoliu a saliva, segurou a respiração, organizou os pensamentos, entrou. Cauteloso, colocou o cajado junto à parede e retirou-se.

CAPÍTULO QUATRO

O que os judeus denominavam lua de mel foram os sete dias que Yossef e Mariah permaneceram na casa de Ioiaqim sem intimidades, a começar pelo dia do casamento, quando os noivos jejuaram desde a véspera até a hora da festa, para serem perdoados pelos pecados anteriores e, assim limpos, começarem a nova vida.

Quando entraram na casa de Ioiaqim a mesa estava posta com alimentos simbólicos, como se estivessem no shabat, mas não era sábado, era sexta-feira. Como os noivos ficariam reclusos, o shabat fora antecipado quanto aos alimentos, porque, no sábado, nem casar podiam.

Na ponta da mesa havia maror, ervas amargas; carpás, as verduras, como pepino, alface e salsa; charosset, mistura de maçã com nozes e canela, umedecidas com vinho; zera, pato assado; e betsá, ovo duro queimado na casca. A maior parte desses alimentos nem deviam estar servidos, eram típicos do Pessach, mas a família estava sem dinheiro, a beligerância dos romanos e dos zelotas não cessava e o pai da noiva não pôde comprar mais carne e outras iguarias; o Senhor haveria de compreender.

A primeira semana na casa de Yossef, depois dessa lua de mel, resultou no que, imaginava ele, seria as semanas e anos seguintes: o marido trabalhando na sua profissão

e a mulher lidando na casa, fazendo filhos e cuidando da prole. Exatamente como prescrevia as escrituras sagradas.

Contudo, Mariah manteve-se silenciosa, com movimentos lentos e graciosos, olhos postos nos objetos, vestindo manto, calçando sandálias, dispensando o véu sobre a cabeça dentro de casa, mostrando a Yossef seus cabelos pretos e lisos.

Logo no segundo dia Yossef foi a Séforis, entrou no mercado e viu os vendedores acorados ao lado das bancas. Em aramaico e grego, os comerciantes gritavam e quase agarravam os passantes para que examinassem os produtos da região ou importados de Roma, das ilhas do Mediterrâneo ou da Índia, dispostos sobre tapetes ou esteiras de palha, como bancos de madeira lavrada, bandejas de tábua, túnicas, véus de lã e seda, sandálias, meias, bonecas de barro, vinho e tudo o mais. Ao redor, homens aparentemente desocupados deixavam-se ficar escorados nas paredes do mercado, da sinagoga, da piscina pública. O mercado era um edifício pequeno em forma de L, o ângulo interno ocupado com jumentos e pequenas carretas, aproveitando a sombra de uma parte do dia. O inverno fora camarada, raros dias de frio intenso, pouca chuva e a primavera apresentava-se com dias quentes, indicando provável verão tórrido, mais adiante.

Procurou por uma bacia de cobre decidido a realizar uma experiência: por fortuna, deixara cair um pedaço de madeira dura, vermelha, num pote com água e o líquido, passado um tempo, avermelhou como sangue limpo. Assustou-se e depois apreciou a descoberta, estava criando uma nova cor de tinta para acabamento de móveis e ferramentas. Imaginou que, fervendo a água com aquela ma-

deira, obteria pintura forte e grossa. Necessitava de um tacho.

Desde pequeno teve intimidade com madeira e acompanhou a vida de muitas árvores, o seu plantio, suas exigências de sol e água, sua morte, cada tipo merecendo corte especial. Em certa oportunidade fora impedido de derrubar uma árvore, quando um lenhador ralhou consigo:

Não se corta na lua minguante.

Por quê?

Porque apodrece logo. Um tronco, como ser vivo, tem suas fibras, seus líquidos, seus veios, suas ideias.

Desde aquele dia Yossef só desmatou na lua crescente.

Percorreu diversas bancas no mercado, regateou preço segundo a tradição e, finalmente, adquiriu o tacho.

Na oficina, ralou uma tira da madeira vermelha com a grossa, deixando o farelo cair na bacia. Adicionou um naco de sebo de ovelha (quem sabe dá mais consistência) e completou com água. Acendeu o fogo mexendo a mistura continuamente sob o olhar curioso de Mariah. Sobrou menos de um terço do líquido. Pincelou a lateral da bancada de trabalho e deixou-a colorida. Assim quero a minha vida, concluiu.

Para comemorar, encheu um copo com vinho e o sorveu em poucos goles, oferecendo prova para a esposa, que recusou. Limpou os lábios com o dorso da mão, os olhos procurando o martelo, recebera encomenda complicada, conhecia a técnica, mas o infausto do serviço resultava do fato de lidar com o carvalho, um dos lenhos mais duros da natureza, a mais empedernida e opiniática de todas as árvores, com rijeza comparável ao ferro. A encomenda fora uma canga de bois. Primeiramente buscara a madeira mais

apropriada para magoar menos o pescoço dos animais; e terebentino, para os acessórios. Só localizou o carvalho e restou o dilema: sem condições de afastar-se de Nazaré por muitos dias para buscar outra árvore (afinal, estava recém-casado), contentou-se com o carvalho. Era sua rotina derrubar árvores, fazer tábuas e caibros com tronco ainda verde porque assim mostrava-se mais mole, e depois gradear os pedaços, separando-os com tacos, permitindo que arejassem durante vários dias, sob chuva e sol. A árvore deveria ter no mínimo setenta centímetros de diâmetro, porque se a tora é mais delgada, pode apodrecer. Outro motivo para permanecer na aldeia é que tinha em depósito uma espécie de pinho, cerejeira e pau-marfim, de qualidades menos boas, com fibras linheiras, ou seja, retas e paralelas, oferecendo menor resistência. O terebintino possui perfume que pode ser sentido a mais de um quilômetro, quando perde parte da sua casca, mas onde encontrá-lo nas cercanias?

Com um pedaço de carvão rabiscou o projeto, pau na horizontal, encurvado nas pontas, e diversos furos para encaixar as travas curtas que ladeiam o pescoço dos bois, amarradas por baixo do varal comprido, para arrastar a charrua.

Começou fabricando a ferramenta para o desbaste do caibro maior. Solicitara ao ferreiro que usasse o melhor material e guardasse cópia como reserva. Colocou o caibro entre as pernas e iniciou o desengrosso; antes, as arestas, sextavando.

O trabalho rendeu pouco a cada jornada e os braços doíam, os furos exigiam força, deviam ser largos que permitissem passar as travas ou a corda; paredes espessas para

suportar o vigor dos animais e o peso do arco ao sulcar a terra. Para vencer a dureza do carvalho, só a paciência do formão, um toque em cada lado do furo, uma pequena lasca a cada vez. Teria assunto com os fregueses narrando o empenho e a tenacidade e assim justificando o aumento do preço; se resolvesse conversar, é claro.

O casal levava as suas vidas, cada qual cuidando das suas obrigações. Ela mostrava dificuldade na organização da casa, muito mais na cozinha, mas o marido sabia que ela só tinha quinze anos e precisava ganhar experiência, isso só o tempo concederia. Ela vivia solitária porque não tinha filhos para encher a casa e a sua mãe morava distante; tinha a sogra, porém com ela não havia intimidade para perguntar sobre a prática do lar e do matrimônio; ensimesmada, proibida de intrometer-se na vida alheia, ia ao poço em horário o mais livre possível de mulheres, elas sempre tinham indagações e faltava-lhe as respostas. Com o tempo percebeu o horário em que a sogra costumava buscar água e ajustou-se para encontrá-la, aparentando casualidade e, assim, conseguia trocar algumas palavras. Mas a vida de dona de casa – e de mulher – não se aprende em momentos fugazes. Mesmo no quarto, quando recebia Yossef, economizava os dizeres, mesmo porque era acostumada a deitar ao escurecer e logo pegava no sono, como as patas, como disse o marido uma noite; ele, aproveitando todas as horas do dia para o trabalho, tratava Caim depois da janta e sentava no seu banco, na oficina, sonhando com ferramentas novas e nunca descobertas, que facilitassem seu ofício. Quando ia para o quarto, estava alquebrado e o cansaço muitas vezes vencia sua juventude. Além da pri-

meira noite, Yossef não se apresentou mais como marido e alguma coisa o estava incomodando, não atinava o que fosse.

A economia de palavras impediu que Mariah comentasse a coceira que andava sentindo na cabeça e nas pernas, quem sabe por tal motivo levantava com ar de indisfarçada irritação e temia que isso estivesse afastando o marido.

A explicação não tardou: a pulga.

O bicho surgiu no lombo de algum animal ou transportado por viajante malcheiroso, o fato é que rapidamente espalhou-se pelas casas de Nazaré. Mariah cruzava a noite coçando-se e ouvindo os reclamos de Yossef, que não estava sofrendo do mal. Essa imunidade ela não conseguia explicar, quem sabe por causa da poeira de madeira, que era a segunda pele do marido. Mas jamais diria isso a ele.

Detectada a causa das coceiras, Yossef consultou um velho, em Séforis, e ele indicou a cura. Yossef mandou que Mariah subisse a colina, onde as pedras eram numerosas, e procurasse um tipo mole e branco. Em casa, ela passou a tarde ralando as pedras, transformando-as em talco grosso e com ele salpicou a cama, as manjedouras, a casa toda, as patas fugiram porta afora, fazendo enorme gritaria, como sempre, obrigando-a a persegui-las. Nem os móveis e ferramentas escaparam do pó branco. Yossef, ao chegar em casa, vendo suas ferramentas violadas, enfureceu-se e por pouco não bateu na mulher, mas foi convencido a tempo da necessidade da providência. O pó reinou durante três dias. Já no primeiro dia, Yossef comunicou o acontecido ao ancião da aldeia e este determinou que todas as mulheres tomassem banho, buscassem a pedra e borrifassem tudo, e que os maridos dessem uma lição em casa, pulga

sempre fora coisa de cachorro, criança e mulher. Por precaução, Yossef polvilhou o pátio interno e a rua e, disfarçadamente, o terreno de Bar Yona. Redobrou a atenção na semana seguinte. Quando Cleofas o visitou, garantiu ao pai que com ratos e baratas era mais fácil lidar, uma boa chinelada resolvia, mas pulga...?

Yossef trabalhava na oficina fabricando poeira e barulho, enquanto a mulher assumia a sua parte na casa, no cuidado com as vestimentas, comida, visita diária ao poço. Com seu acanhamento, evitava assunto com as outras mulheres, e esse comportamento estava alimentando suspeitas e fofocas. Em certas ocasiões pedia licença ao marido e passeava pela parte baixa da colina oeste, sua preferida, pelo campo próximo, no vale, em meio às hortaliças e pés de tomate e pimenta, pensando como cozinhar farináceos e verduras; de quando em vez, peixe, trazido de longe, mas era iguaria eventual porque o preço era alto e o marido preferia lentilha, alho porró e carne de aves.

Uma manhã ela saiu cedo com o cântaro para buscar água, o dia já apresentava calor intenso, deixou o vaso junto ao poço e aproveitou para molhar braços e pernas na piscina pública. Era dia reservado às mulheres e, ao sentir o frescor com a proximidade de tanta água, retirou a túnica, entrou no tanque, mergulhou a cabeça várias vezes saboreando o gozo do contato refrescante da água fria e, submersa, esfregou o corpo. Depois, escondida num canto da parede, recolocou a veste, saiu do edifício, evitou o caminho do poço e subiu a colina, onde sentou próxima às ovelhas, contemplando a paisagem, examinando o céu, a vida indecifrável dos pastores que estavam ao longe. Tabita, pouco mais que um menino, observou-a com interesse.

Ela não sabia ler, porém inventava palavras para orar e cantar. Tabita ouviu apenas uma frase: não O encontrei nas coisas da terra, nem nos homens, mas, se ouvisse uma voz ordenar “não creias”, eu responderia: “não posso vê-Lo, mas O sinto”. Tabita nada entendeu, apenas considerou que fosse um tipo de reza e, assim pensando e espichando o olhar para a menina, tocou as ovelhas para mais adiante.

Mariah desceu a colina, passou pelo poço, colheu água, acomodou o cântaro à sua cintura, voltou para casa, guardou a vasilha, inspecionou o estábulo procurando pulgas, indagou ao marido se precisava de algo e sentou-se na soleira da porta do pátio cuidando os bichos.

Nazaré parecia desconhecer o movimento dos soldados em sua redondeza. Cavalos e homens provinham do sul, da Samaria ou Jerusalém, passavam ao largo do povoado e seguiam na direção de Séforis, ou de lá voltavam. Raramente um pequeno grupo ingressava na aldeia para refazer os depósitos de água. As tropas conduziam tonéis em carroças e o peso atrasava a andança, facilitando o ataque inimigo, mas os soldados acostumaram-se a certas ordens e não se adaptavam às circunstâncias, esse tipo de desvantagem militar favorecia aos zelotas. Nazaré mantinha-se pachorrenta, sem grandes alterações dia após dia, com pouco movimento ao redor do poço, e quem retornava do mercado distribuía lamúrias com o comércio escasso, a falta de dinheiro, o governo arrecadando metade do que as pessoas podiam ganhar, metade do rebanho, metade das plantações, metade dos produtos elaborados, metade da vida, metade de tudo o que possuíam os pobres, porque os ricos viviam na bonança. Yossef era apenas um remedia-

do, um bom rótulo para o marceneiro que arrotava grandeza dentro de casa e baixava a cabeça perante os clientes poderosos do palácio, como reclamava seu irmão Judas. O primo Zacariah merecia conceito diferente, não ganhava muito dinheiro, é verdade, mas usufruía de poder e, não por acaso, lutava para obter promoção para Jerusalém; no Templo da capital, o dízimo era grande. E os sacerdotes aproveitavam melhor a sua parte nos animais oferecidos para os sacrifícios.

Ultimamente Yossef não via Zacariah no Templo, o primo vivia fechado em casa recebendo viajantes para saber notícias da capital ou como andava o humor do Sumo Sacerdote. Zacariah comportava-se como um político e além do mais tinha o assunto Isabel, os murmúrios estavam aumentando de intensidade, a gravidez da mulher, o rabino era um velho sem forças, um não-sei-quem mencionou a presença de um anjo, algo como gravidez anunciada. O sacerdote, tido como meio-homem, em tantos anos de casamento não fizera um filho, nem ao menos uma filha, imagine uma pessoa da sua posição social envelhecer sem descendentes? E a culpa, ano após ano, era atribuída a Isabel, ela era estéril, garantiam as mulheres, pobre homem, lamentavam as mulheres, Isabel fora abandonada pelos céus, completavam as mulheres, e agora essa novidade, Isabel velha e grávida, então o abandonado pelos céus era o rabino, riam as mulheres sentenciando a sua culpa e o seu pecado e Zacariah nada respondia, não demonstrava indignação, e o Templo entregue a Yair, pouco simpático perante os fiéis, ele próprio satisfeito com a perspectiva de faturar o dízimo e alçar-se à condição de titular, mas descontente porque o dízimo só lhe era devido quando

Zacariah viajava e Yair bradava às paredes, por que o homem não vai embora?

Foi algum tempo depois.

Mariah subiu a colina e lá passeou cantarolando e colhendo flores. Tabita, o pastor, controlou seus movimentos com vontade de aproximar-se, mas ela estava comprometida, era bem juveninha e bem bonita, e ele, cheio de ardor juvenil, sozinho em meio às ovelhas. Estava imerso nesse devaneio quando algo sucedeu e ele, mais tarde, não logrou confirmar a Yossef se Mariah estava desperta, recostada na grama, ou cochilando, e eis que viu surgir um homem loiro, parece que loiro, que se ajoelhou frente à Mariah e disse-lhe algo e, devagar, pousou os olhos sobre ela. Tabita jurou que ela estremeceu, mas não se moveu do lugar e assim deixou-se ficar, mesmo após a saída do homem loiro, parece que loiro. Tabita receou envolver-se no que não devia, tangeu as ovelhas e desapareceu.

Passado um mês Mariah começou a esconder-se pela casa, queimou a comida em mais de uma oportunidade, esqueceu de ordenhar as cabras, ia ao poço quase ao anoitecer, quando o local estava vazio.

Yossef demorou para perceber a mudança na mulher, a falta de respostas às suas indagações, o que você tem? o que está sucedendo? O desassossego gerou temor e o medo transbordou para a raiva até que, numa noite, agarrou-a pelos cabelos e obrigou-a a sentar na beira da cama e a encará-lo:

Há muito tempo não a vejo no quarto como mulher, não cumpre seus compromissos, erra nos afazeres, passa o dia como lagartixa fugindo para os cantos quando me

aproximo, diga o que está acontecendo ou perco a cabeça!

Ela desesperou-se, o puxão nos cabelos doía, sabia que receberia bofetadas, talvez chicotadas, mas sequer compreendia o que estava ocorrendo com seu corpo, a menstruação cessara, como tudo pôde acontecer? Simplesmente não entendia e muito menos imaginava como narrar ao marido o encontro com aquele... anjo e estava grávida!

Grávida? berrou Yossef, e bateu-lhe com força.

Ela correu para perto dos animais, certa que seria morta:

Ele disse-me que era vontade do Altíssimo, que estava cumprindo os Seus desígnios.

Grávida? Vontade de quem? Yossef procurou o rebenque que usava para vencer a rebeldia de Caim.

Altíssimo, Deus, Yaveh, balbuciou Mariah em meio a copiosas lágrimas, ajoelhada no chão, ao lado das manjedouras, encurvada, entregue ao castigo físico que deveria sofrer.

Yossef saltou de onde estava, desferiu bofetada ainda mais forte, vociferando:

Desgraçada! Traz o pecado para minha casa e blasfema?

CAPÍTULO CINCO

Yossef expulsou Mariah determinando que ela aguardasse o julgamento dele na casa dos pais e permanecesse absolutamente calada. Caso o assunto chegasse aos ouvidos das mulheres e, logo depois, ao mercado, sua morte seria inevitável.

Saiu com ela de Nazaré, a pequena sacola no lombo de Caim, em meio a madeiras e ferramentas, e calado a conduziu até Séforis. Deixou-a na casa de Ioiaqim, fez a entrega de um serviço e retornou a Nazaré, indo à casa de Cleofas.

Tinha plena consciência que seu dever de homem era o repúdio, contudo jamais cogitara a hipótese de matar uma pessoa, ainda mais sua esposa, com quem planejava prole numerosa, herdeiros a quem ensinar seu ofício. Estava tudo muito confuso, concedia-se tempo para refletir, sua reputação ameaçada, a própria sobrevivência em risco, o palácio recusaria seus serviços, as mulheres e seus sorrisos zombeteiros. Os homens no mercado olhando para ele e cochichando, a desgraça, a desgraça! Mas sua mente e seu coração não esqueciam a imagem de Mariah na festa de casamento, na cozinha, nas manjedouras, o seu silêncio, as suas mãos, as suas pernas, os seus seios, os olhos, o olhar triste. Precisava saber qual a atitude a tomar, que julgamento fazer, Cleofas tinha ouvido algum comentário? E a

situação de Zacariah, também era caso de anjo? Revoada de anjos na Galileia?

Cleofas nada ouvira sobre Mariah na vila, era muito cedo. E quanto a Zacariah, ele anunciara viagem iminente com a esposa sem dizer o motivo, como se todos não soubessem. Velho e alquebrado, disse Cleofas, com dores nas costas, o rabino seria pai, Isabel está grávida e nada acontecera até que o volume da barriga a denunciou, e a mesma explicação: o Altíssimo. Séforis inteira ficou sabendo e tudo falaram à boca pequena, a promoção de Zacariah praticamente inviabilizada, ele precisava ir para Jerusalém rapidamente.

Yossef despediu-se do pai e, tomando-se de coragem, retornou à Séforis, até a casa de Zacariah, onde encontrou nele uma pessoa pragmática, para sua surpresa:

Repúdio, nem pensar, será o fim do meu sacerdócio. Mandarei Isabel para Ein Karem, onde vivem seus familiares.

Yossef saiu de lá profundamente perturbado, o sacerdote, com todo o seu poder, chegar a esse ponto? Mas que tantos anjos e tanta gravidez? Quem sabe ele fora condenado por ter construído cruces para os romanos supliciarrem outros judeus? E como Zacariah poderia explicar-se perante os homens da comunidade? Seria – estava sendo! – alvo de mexericos, onde se viu ser traído por um anjo? E Yaveh permitiria tamanha maldade?

No caminho de volta a Nazaré estancou os passos quando chegou à sua pedra de descanso e ali sentou e, após momento de vazio completo, viu passar um cachorro magro, imaginou Isabel saindo de casa escondida em véus

e quem sabe no escuro da noite, Zacariah fantasiado para não ser reconhecido. Diriam alguma coisa para o vizinho que encontrassem? E essa ida para Ein Karem não era a melhor solução? Mandar a mulher para longe até colocar a cabeça em ordem para fazer julgamento honesto, para então declarar o repúdio e conseqüente execução com pedras e pauladas? Sua cabeça estava fervilhando, queria tempo, tinha direito ao tempo, estaria infelicitado tanto em Nazaré como em Séforis, ali era o seu mundo, o mundo do marido enganado, e como poderia sobreviver em outra cidade, em outra parte do país sem a sua clientela? Não era justo, não era certo, não era direito. Mariah era prima de Isabel, a desdita era genética, tudo em família, que fossem juntas para Ein Karem, sim, era o que tinha que acontecer.

Retornou correndo à casa de Zacariah com a proposta de viagem das mulheres e a grande desculpa que Mariah serviria de companhia à Isabel. Zacariah concordou mexendo a cabeça.

Emudecera.

O falatório foi intenso, o rabino escarnecido, agora as pessoas falavam abertamente, sem os cuidados de antes. Yossef estava sendo poupado – por enquanto – afinal, Mariah seria mera dama de companhia. Um outro não-sei-quem afirmou que o sacerdote, pelas aparências, preocupava-se mais com o espírito e menos com a carne. Risadas.

Yossef estabeleceu-se na oficina e lá ficou recluso vários dias. A noticiada esterilidade de Isabel era desonrosa, castigo feminino, assim todos pensaram durante vinte ou trinta anos. Mariah casara para ter filhos consigo, e se o fez

com outro, a culpa seria dele, marido honesto e cumpridor de seus deveres? Por que ela casou? Se o Altíssimo, que era espírito, queria ser pai com mulher de carne e osso, por que o casamento? por que o tal anjo? Obediência aos costumes? Infâmia pensar que ele, respeitado entre seus pares, pudesse servir de muleta ao pecado. Os filhos são dádivas divinas; não os ter, um opróbio.

Para Zacariah, a ida de Isabel para Ein Karem funcionava como desculpa e íntima compensação moral para ausentar-se da sinagoga, para permanecer em Jerusalém, perto do poder maior, quem é visto é lembrado. Zacariah diria ao Sumo-Sacerdote que a esposa estava doente, seria um discurso coerente. Mas ele, Yossef, não cogitava qualquer compensação, continuaria em Nazaré e em Séforis tentando manter as aparências, repetindo aos fregueses que o clima de Ein Karem permitia bem-estar à Isabel e a companhia de Mariah era uma bênção, prova de amizade nesse momento tormentoso.

CAPÍTULO SEIS

A viagem de Zacariah aconteceu no mesmo dia em que presidiu seu último sacrifício no Templo para mostrar-se ao povo com a dignidade do cargo e fazer prova plena da sua probidade.

Escolheu dois cabritos e quatro maços de chicória, erva amarga para recordar a fuga do cativo. Vestiu túnica branca de linho, colocou a mão sobre a cabeça dos animais e ofereceu o holocausto como resgate dos pecados do povo. No pequeno cofre sagrado depositou dois pedaços de pele, agitou o cofre e sorteou os fragmentos. O primeiro foi colocado junto ao cabrito da direita; o outro, amarrado ao pescoço do cabrito da esquerda. Degolou ambos os animais colhendo o sangue numa bacia; levou-a para trás do véu do altar e, diante do propiciatório, aspergiu o sangue, uma vez até em cima e sete vezes até embaixo. O que sobrou foi derramado aos pés do altar, colocou as mãos sobre a cabeça do bicho e confessou as faltas morais do povo, transferindo os pecados para o cabrito. Voltou-se para o altar e, com habilidade, desossou a besta cortando a carne em pedaços que foram colocados na grade sobre o fogo perpétuo e ali deixados até virar cinza. A cerimônia foi acompanhada de oferenda, a Minhah, preparada com flor de trigo e azeite, e um cálice de vinho. Recitou, baixinho, que o sagrado e o impuro são ideias opostas e exclu-

dentes, têm força misteriosa e operam por contato direto, igualmente intocáveis: a Arca da Aliança e o cadáver imolado. A cinza que sobrou foi depositada em recipiente de ouro contendo água, agora benta, a ser utilizada na purificação dos penitentes. Sabia que esse ritual era destinado ao Iom Kippur... se ele decidisse perdoar sua mulher... agora, não depois... e o mês de setembro, o de Tishrei, do Dia do Perdão, estava distante.

Uma pequena quantidade de cinza seria levada para Ein Karem.

Yossef soube, através de Cleofas, que Zacariah podia ter almejado tudo na vida, exceto tornar-se pai. Ainda jovem, viu frustrarem-se suas tentativas de paternidade e deixou-se convencer da sua esterilidade.

Os anos seguiram o seu rumo e as implicações com a política e a religião levaram-no a sucessivas viagens através da Palestina e as repetidas ausências obrigaram-no à escolha de um substituto que cuidasse dos alunos e desenvolvesse neles a prática das lutas físicas em nome do princípio grego do corpo são em mente sã, e surgiu Yair, então aprendiz de artesanato, que divisou a oportunidade única para ascender socialmente e usufruir parcela de poder do rabino, partícula ínfima que fosse, mas que o distinguiria dos demais homens de Séforis. Agora Yair estava assumindo o lugar de Zacariah, porém, como Cleofas havia alertado dias antes, ele consumiria alguns anos para aprender a lidar com o poder que estava herdando.

Logo após o almoço a carreta com os pertences de Zacariah, Isabel e Mariah estava pronta para a viagem.

Yossef entregou para Zacariah uma sacola com alimentos. Mantendo certa distância, viu as mulheres subirem na carroça, contendo o choro. Mariah olhou o marido, um olhar profundo, o primeiro da sua vida, profundo e triste. Yossef sentiu um tremor que partiu das pernas e arrepiou o peito. Também estava triste, muito triste, até com vontade de chorar, se isso fosse permitido aos homens. Mariah balbuciou a palavra berço, baixou a cabeça, caminhou dois passos, tornou a olhar o marido e silenciosamente implorou: repúdio, não, Yossef. E saíram devagar, o jumento puxando a carreta com passos comedidos, Zacariah liderando dois metros adiante.

Yossef caminhou apressado para o lado oposto, desejava fugir da dor que estava sentindo, pensando que se ele permitisse que a criança nascesse, ela seria internada junto aos essênios, bem longe.

Ainda transtornado, retornou à oficina e forçou a cabeça para não lembrar a esposa, a sua vontade era quebrar tudo, que pecado cometera para que sua vida redundasse nessa desgraça? Por sorte tinha a encomenda de três cruzeiros, que os romanos matassem a todos de uma vez.

Estava cortando a madeira quando apareceu Bar-Yona: Sei que você levará serviço para Séforis e preciso que esconda dois homens na carreta.

Yossef surpreendeu-se com o pedido, quase ordem, o velho não respeitava a sua dor, ou nada sabia?

Estarei levando cruzes, certamente serei vigiado pelos soldados.

Melhor ainda, com as cruzes ninguém vasculhará a carroça.

Por que você insiste em envolver-me?

É a sua contribuição para a Causa, uma espécie de resarcimento por fabricar cruzes para os invasores.

Mas...

É como carta de alforria, evitará ser morto na estrada.

Esse último argumento calou Yossef. Não dera conta que o transporte de cruzes tornava-o alvo predileto para os zelotas.

Bar-Yona encerrou a conversa:

Seremos esperados na porta de entrada da cidade, você deve chegar lá após escurecer.

Ao entardecer, Yossef lotou a carreta com cruzes e homens.

Acompanhado por Bar-Yona, que caminhava distante, o grupo evitou o poço, ladeou a colina onde Tabita, o pastor, deliciava-se com o pôr do sol, como que agradecendo o dia maravilhoso, repleto de luminosidade, de pássaros, de cheiro de flores. Estava semelhante a um poeta. Yossef considerou que o grande trunfo dos pastores era viver nas montanhas, perceber horizontes, dividir com os animais as verdades básicas da natureza, da vida. O que é a vida? perguntou-se repentinamente, e a resposta foi o silêncio, sua cabeça era dura para a filosofia, todavia, o que seus ouvidos captavam, o que os seus dedos percebessem, ah! lembrava para sempre, pouco sabia, mas o que conhecia,

guardava até a morte, esta era uma das suas frases prediletas. Aquele dia, por exemplo, como olvidar no futuro? Mariah viajando pela manhã, a tarde cortando madeira e a noite dedicada a levar zelotas; estava sendo guerrilheiro. O sol amarelado, desfocando o brilho da grama, a sequência de meio-tons, as oliveiras matizadas do ouro ao verde-escuro. Seus pés tocavam a parte feia do solo, areia grossa salpicada de pedregulhos e algumas pedras maiores com as quais os pastores e agricultores erguiam tapumes como aquele à esquerda, de quatro renques, embaixo da árvore, muro pequeno com a finalidade de armazenar pedras que empestavam o chão, dificultando o andar das cabras e ovelhas, esfolando os cascos. O irmão mais velho de Tabita, Yaacov, coerente com sua continuada paciência, soprava flauta, as muitas notas dissonantes e repetidas mostraram que ele desconhecia a técnica do instrumento rústico que construía com um pedaço de bambu.

Yossef olhou o rebanho, aborrecia-lhe a cor preta dos bodes, preferia o cinza dos carneiros e o branco das ovelhas, as ovelhas eram lanosas, dóceis. Contudo, as cabras, mais nervosas, forneciam o leite, e do leite, o queijo, produto de bom preço no mercado. As ovelhas... podia-se abrir o seu ventre com faca afiada, deixar o sangue escorrer, enfiar a mão na carcaça e puxar as tripas, pulmões, intestinos, a gosma branca cobrindo os pulsos, e vender a sua carne.

Estava ultrapassando a colina, do lado oposto, por onde havia passado Zacariah, Isabel e Mariah, pela manhã, outra elevação, começo suave, alargando-se para o alto. Um dia, depois que morresse, depois dos netos, os montes seriam

tomados por edificações e ele bem podia, hoje, adonar-se de um pedaço daquela terra, seus bisnetos agradeceriam a herança.

Tabita, ao ver Yossef e Bar-Yona, alegrou-se, conhecia o velho, ouvia muitas histórias a seu respeito, um lutador, um líder no qual o povo pobre depositava seus anseios de vida melhor assim que os romanos fossem derrotados. Correu até a carroça, onde chegou ofegante:

Bar-Yona, quero lutar consigo, pode ser nas montanhas, sei movimentar-me sem perigo.

Bar-Yona sondou o menino:

Você quer ser guerrilheiro?

Tabita titubeou:

Bem, não quero pegar em arma, mas posso servir como vigia.

Como está o caminho para Samaria?

O menino alegrou-se, a isso sabia responder:

Sendo jornada breve e não se aproximando de Naim, podem evitar os soldados. Eles costumam agrupar-se em Tabor.

De Tabor podem controlar o rio Jordão.

Tabita concordou, menos entusiasmado.

Bar-Yona falou para os homens na carroça, que reclamavam as sacolejadas que lhe faziam doer os ossos:

Tabor é alternativa estratégica. Sem grande esforço é possível, num mesmo dia, atacar Tiberíades e com dois ou três barcos escapar até a foz do Jordão, contornar o litoral do Mar Morto e esconder-se em Qunran.

Dito isso, abraçou o pastor, agradeceu em nome da Causa, e preparou-se para continuar o percurso sem nada

delegar ao garoto, que se limitou a ver o ídolo afastar-se. Bar-Yona girou meio corpo, encarou o jovem e concluiu:
Seu lugar é aqui.

Quando chegaram à porta de Séforis o sol dera lugar à lua brilhante, passaram pela guarda sem despertar suspeitas e, após a primeira esquina, os homens pularam da carreta. Ao sinal daquele que os aguardava, escapuliram pela via lateral. Yossef rezou uma prece por ver-se sozinho com suas cruces, avançou pela rua principal fazendo ruído mais que necessário, desejando ser visto, queria prova ocular que trazia o carregamento em conformidade com a lei. Trabalhava para o governo, sabia que só poderia descarregar o material ao raiar do dia, então, sem mais o que fazer, já que voltar à Nazaré daria na vista, estacionou a carroça, liberou Caim dos arreios, recostou-se à parede, cobriu-se com o manto e adormeceu.

Acordou com um soldado cutucando-o com a espada. Refeito do susto, ouviu a ordem de mostrar o que transportava e, feito isso, foi-lhe determinado para deixar as cruces no paiol e apresentar-se no pátio do palácio, mais tarde a rainha iria vê-lo para exigir que completasse a obra iniciada por outro marceneiro e que fora morto no dia anterior, os culpados eram os zelotas.

Sem escolha, reuniu as ferramentas e deixou-se levar até o palácio onde, no pátio central, estava um caramanchão inacabado, com paredes de tábuas finas que se cruzavam formando buracos para a passagem do ar, o teto com toras delgadas, separadas quarenta centímetros uma das outras, para quebrar os raios solares e onde alojar-se-iam as trepa-

deiras e algumas flores que subiriam agarradas às paredes, um bom local para suportar o calor das tardes modorrentas. Dentro do caramanchão os escravos providenciariam sucos, abanos e todos os confortos que a rainha desejasse.

Começou desfazendo parte da estrutura porque o antecessor cometera grave erro de cálculo. Empunhou serra e martelo lembrando que estava naquele lugar por causa do pai Cleofas que determinara sua profissão logo depois da sua aventura com Immanuel, quando criança, em razão do qual fora enxotado de casa, assunto que não pretendia recordar agora.

Trabalhou vários dias. Carregou madeira grossa para a cobertura, o sol estava abrasador naquele horário. Aprumou o corpo, sentiu as costas porque estava dormindo num canto da estrebaria do palácio, sobre o feno, sentia raiva do pai Cleofas, que decidira sua vida, mas também ele, Yossef, não estava resolvendo o futuro do filho... filho que não teria com Mariah? Ela deve morrer apedrejada. Zacariah o aconselhara, antes de partir, a esquecer tudo... ora, o parente que ficasse com o seu carma e seus chifres, mulher a gente mata e morto não se perdoa, a gente enterra.

Estava pregando uma das toras quando ouviu alvoroço na rua, os escravos correram agitados para dentro de casa e os soldados acotovelaram-se na porta do pátio. Yossef saiu do caramanchão, foi à rua, soldados revistavam homens, inclusive uma mulher que armou escândalo quando um guarda segurou a sua bunda. Bastou que ela gritasse e uma flecha, arremessada por anônimo, atingiu a testa do guarda, que largou a mulher, cambaleou e caiu. No minuto

seguinte o lugar estava deserto, as pessoas correndo para longe, os soldados em seu encaço.

Quem foi?

Os comerciantes que passaram logo depois foram jogados ao solo por outros soldados que acorreram para socorrer o ferido. As botas militares, em sucessivos golpes, amassaram narizes e a ponta da espada penetrou a barriga do que reclamou. Quando o sangue do cadáver sujou o calçamento, a pergunta foi repetida:

Quem foi?

Dedos apontaram, relutantes, para todos os lados, quem não fugiu foi cortado pelo aço das espadas e o soldado ferido foi carregado sob o juramento da mais terrível vingança. O comerciante morto foi levado para fora da cidade, precisavam livrar-se das represálias, até mesmo a família do falecido pagaria a conta, caso fosse identificada. O cadáver foi jogado na vala aberta para indigentes e animais e ninguém lembrou de pronunciar a última oração àquela alma.

Yossef manteve-se estático junto à porta do pátio do palácio e não conseguiu justificar a agressão militar, o ataque zelota seria revide à morte do marceneiro? Um homem com capuz passou por ele e disse, quase inaudível: volte ao trabalho, e desapareceu.

O sangue escapuliu do rosto, era Bar-Yona?

Era Bar-Yona, e a confirmação surgiu à noite quando uma figura, escondida na sombra, esquivou-se até ele:

Preciso de flechas com bola de lã nas pontas.

O que vocês estão fazendo? Aquela flecha... foi você?

O que importa?

Importa. Estou trabalhando para a rainha e conversando com um zelota.

Todos vivemos duas caras.

Eu não quero ter duas caras.

Não é questão de querer, é a vida...

Vida?

Não se faça de bobo, você é um zelota mal assumido, vassalo do rei não assumido, marido não assumido.

Eu farei sozinho a justiça com minha mulher.

Ninguém faz a sua justiça, se não for zelota. A justiça dos poderosos é feita pelos juízes, que aplicam a lei do soberano. Faça as flechas e espere-me no mercado amanhã.

Bar-Yona foi embora deixando Yossef sem fala, sem ação, sem pensamento. Por mais que vivesse recolhido, os outros, sempre os outros, o envolviam, comprometiam-no, decidiam por ele. Estava em Séforis e a cidade fora atacada. Dispôs-se a aligeirar seu trabalho e cair fora urgentemente.

Mas não logrou o intento.

No dia seguinte Bar-Yona apareceu no mercado e Yossef prontamente entregou-lhe as flechas, escondidas num molhe de feno, serviço executado até tarde da noite na estrebaria do palácio. Sua intenção era retornar rápido para o palácio. Mas percebeu que o velho estava acompanhado.

Uma mulher.

Assombrou-se: uma mulher?

Bonita, jovem, olhos roliços, morena, a boca... a boca vermelha!, o manto pregueado escondendo os joelhos e mostrando o tornozelo e os pés, pés delgados, dedos compridos, alta, mais alta que Mariah... e desviou os olhos dos

seios, mas eram de bom tamanho, ah, isso eram! Segurou o olhar na moça sem nada falar, sentiu alegria ao vê-la serena, sorridente, ela percebera seu entusiasmo? Sentiu um abismo ao redor, qual a importância da sua vida? O que diria essa mulher... se fosse o caso... ele era apenas um esposo sem direito à paternidade. Bar-Yona fez a apresentação:

Ela está de passagem, é estrangeira aqui. Irá para Nazaré, ficará na minha casa, depois seguirá para Jerusalém. Você pode ampará-la.

Antes que Yossef discordasse, ela adiantou-se:

Meu nome é Themys, sou grega.

E, dirigindo-se a Yossef, pediu o saco de couro com água que ele trazia à cintura, e saciou a sede.

Yossef trabalhou até não mais poder para completar a construção no mesmo dia e incentivou a escrava para convencer a rainha a não pintar o madeirame, as flores rejeitariam o odor da tinta, e assim ele ficava livre da empreitada. A rainha concordou, aguardaria até o verão, que estava bem próximo. A obra findou.

Encontrou Yair próximo ao Templo, o substituto estava tratando de ser aceito pelo partido dos fariseus para que não surgisse outro candidato à sinagoga. Pretendia tornar-se sacerdote não se intrometendo nos interesses dos romanos, como Zacariah fizera em tantos anos, com sucesso. Despediu-se de Yair, finalmente podia pôr-se a caminho de Nazaré... e a grega? Como ser vizinho da moça que permaneceria sozinha na casa do velho? Como mantê-la distante de si e do fuxico das mulheres? Bem, poderia ser uma viril justificativa para o repúdio.

O problema é que o velho lhe incumbira de levar a mulher até Nazaré, como entrar na aldeia com ela?

Durante a viagem, Themys narrou suas origens:

Meus antepassados são gregos. Meu avô veio para a Palestina para trabalhar com oliveiras, aqui nos arredores de Séforis. O rei desejava a produção que lhe renderia bom azeite e muito dinheiro com a venda para toda a Palestina. No país encontravam-se árvores de oliveiras isoladas, pequenas plantações, nada com grandeza comercial, mas a Galileia devia transformar-se em exportadora. A notícia chegou até a Grécia e quem estava desempregado logo se ofereceu, e meu avô foi um deles.

E onde ele está?

Não sei. Plantou oliveiras por aqui e desapareceu. Disseram-me que foi para Jerusalém e, se não estiver na capital, quem sabe viva na costa marítima, como pescador.

No que trabalhava na Grécia?

Era pescador, com barco pequeno, ganhava para comer.

Se era pescador, por que veio plantar oliveiras?

Quando se é pobre, agarra-se a qualquer oportunidade de ganho e Herodes, o Grande, prometera ajuda inicial com dinheiro, casa e ferramentas. Como recusar?

Mas...

Parece que a promessa não foi cumprida.

Yossef interessou-se pelo avô de Themys, uma espécie de folha ao vento; uma hora, um trabalho, depois troca o ofício:

E Jerusalém? Não tem mar, não tem peixe, não tem terra sobrando para plantar.

Pelo que soube aqui, ele poderia negociar alimentos ou

vestuário com os peregrinos que acorrem ao Templo.

Pescador, agricultor, comerciante?

Creio que sim. Na verdade, eu nunca saí da Grécia, tornei-me adolescente sem conhecer meus avós. Agora quero vê-los, ouvir suas histórias. Durante algum tempo pensei nisso, depois o sonho cresceu, quero conhecer o mundo, viajar até Patra, seguir de lá até o sul de Roma, até Síbari, os gregos mantêm colônias às margens do Adriático. Interessante saber como vivem os outros povos.

Primeiro o avô, você decidiu.

Sim, primeiro o avô.

E você é mulher! Pode tornar-se escrava a qualquer instante...

Por isso Bar-Yona está me protegendo.

Ele é guerrilheiro. Se você for presa com ele a sua situação irá piorar, será morta. Você quer ir para Jerusalém, terá que subir a Palestina, as estradas...

Themys estava cansada de tanta explicação, o sujeito só precisava levá-la até a aldeia:

Perigo tem em todo o lugar.

Ao aproximar-se de Nazaré, já escuro, Yossef planejou contornar a vila, entrar pelo outro lado. Mas, para evitar algum contratempo, mandou que ela deitasse na carreta e ficasse escondida – ele estava ficando especialista em transporte clandestino.

Ela recusou:

Ficou maluco? Onde se viu entrar na cidade como animal?

Ele parou a carreta, bravo, mas o que estava acontecendo? Não era suficiente a profusão de anjos e surgia uma

fêmea atrás da outra para importuná-lo?

Escuta, mulher, se você não fizer o que mando, a deixo aqui na estrada e pouco me importa o que uma mulher pensa.

Themys bateu pé, mas resignou-se, precisava chegar à casa de Bar-Yona, e deixou-se cobrir com o manto fedorento de Yossef; contudo, durante o trajeto, resmungou em sussurros.

À porta de casa, Yossef mandou que ela saísse – em silêncio! – apontou a casa do velho, aguardou que ela desaparecesse da sua vista, observou se algum passante ou vizinho testemunhara a sua desdita, desatrelou Caim e ingressou em casa batendo a porta.

CAPÍTULO SETE

O mês era Sivan, o mês da outorga da Torah ao povo judeu. Por vinte e seis gerações, desde a criação do Homem, Deus aguardou o momento apropriado para transmitir as Tábuas até que encontrou um povo disposto a aceitá-las, o que aconteceu durante o Shabat. Havia chovido à noite sobre a montanha para refrescar o ar, já que neste mês iniciaria o verão com sua alta temperatura. Uma espessa nuvem envolveu o Monte Sinai e ali Moisés recebeu os Dez Mandamentos.

A festa do Shavuot exigia formalidades que, em Nazaré, significava a oferta de produtos da agricultura e entre os símbolos da festividade estavam as sete espécies com as quais a Palestina fora abençoada: trigo, cevada, uva, figo, romã, azeitona e tâmara. Quem não plantasse, como Yossef, devia comprá-las no mercado. Era uma festa grupal, com peregrinação.

Yossef iria descumprir a Lei embora estivesse só, sem família. Apenas jejuou no primeiro dia e comeu o Matsá, pão sem levedura que sua mãe levou como presente. Foi retiro forçado durante sete dias, mesmo que quisesse não teria parceiro para o comércio, a não ser os gregos, e de certa forma aproveitou, porque choveu a maior parte do tempo, a chuva fina e a brisa fraca que soprou manteve o clima frio.

Na primeira noite dormiu bem, o cansaço acumulado em seu corpo. Na segunda noite, o sono demorou, sensações desagradáveis e a lembrança de cenas com Mariah fizeram-no rolar no leito. Quando se deu conta, estava caminhando à beira do precipício, atirando pequenas pedras para baixo e contando o tempo até ouvir o som do baque, ou mirando aquelas pedras que paravam em algum ponto da encosta. Então percebeu uma serpente enrolada sobre si mesma, atenta a ele, na beira do penhasco, próxima a uma pedra maior. Ela levantou a cabeça. Um pássaro negro sobrevoou o lugar, Yossef recuou um passo, a cobra desenrolou uma volta e a peçonha ficou mais alta preparando o bote. Ele tentou fugir, escorregou e caiu sem lograr afastar-se do perigo. A serpente soltou a língua, recuou a cabeça e antes de saltar rumo à perna da vítima, o pássaro negro, com impressionante velocidade, num voo rasante, bicou o olho da cobra, que se jogou para um lado, outra bicada e o réptil, em seu desespero, caiu no penhasco. O pássaro desapareceu. Yossef acordou com a roupa molhada de suor, levantou, bebeu água, abriu a porta do pátio, examinou a chuva e recostou-se na manjedoura ao lado de Caim, jurando nunca comer cobra ensopada.

Yossef apareceu na casa de Yair e foi recebido pela mulher que pediu que aguardasse enquanto o marido acertava o contrato de parceria com um latifundiário da costa do Mediterrâneo. Tornara-se homem de negócio.

Quando a pessoa saiu, Yair convidou-o para entrar:

Aquele que foi embora é meu sócio. Virá anualmente de Tiro para levar metade da colheita.

Yossef estranhou a loquacidade do rabino.

Yair continuou:

Não importa a quantidade que eu obtenha na colheita, ele paga as sementes e todo o resto, compra a safra antecipada e o risco é todo meu. Agora você entende quanto necessito do dízimo?

Yossef estava temeroso com a intimidade, e enquanto o sacerdote não indagava o motivo da sua presença manteve-se em silêncio, olhando as oliveiras com seus velhos e grossos troncos, a casca seca, quebradiça, ramadas verdes produzindo azeitonas gordas. Chamou sua atenção a formação das folhas e suas tonalidades. Ao redor de cada árvore Yair fizera canteiros quadrados mantendo o capim longe dos pés e, nas bordas dos canteiros, plantara flores pequenas. A árvore mais antiga possuía diâmetro tal que um homem não poderia abraçá-la e a sua parte central estava caída para o lado e de um ponto nascera um segundo mastro, orgulhoso, ereto, com boas folhas.

O rabino, notando a timidez da visita e o interesse pelo jardim, conduziu-o aos fundos da área onde as videiras derramavam-se sobre fios esticados entre postes curtos, sete fileiras, lado a lado, formando corredores. Disse, orgulhoso:

As uvas surgem no verão, redondas, graúdas, doces, uvas brancas e pretas, devemos saboreá-las levando o cacho à boca, permitindo que os bagos toquem o rosto, mordendo um a um, mastigando as sementes, uma delícia!

Yossef tinha um sonho: residir numa fazenda às margens de um lago, poder percorrer as elevações do terreno coberto por trigo e pasto, sentir no rosto a brisa umede-

cida que o vento pudesse trazer, olhar o lago, límpido e sereno, conforme a hora do dia. Descer a encosta em direção às tamareiras com suas espigas de flores rosadas, colher, de passagem, alguns grãos de mostarda negra e brincar de mordê-los para experimentar o amargor que recheia a boca de saliva. Pisotear a terra barrenta da beira do lago e assistir o pôr do sol, ver o círculo vermelho depois alaranjado sumir atrás da montanha, deixando a sua imagem na superfície acetinada da água.

Acordou com a pergunta:

A que devo sua visita?

Venho em nome da família de Yirmeyahu, meu vizinho, ele está doente há vários dias, passa mal.

Sou médico, por acaso?

A mulher pede que o senhor faça uma reza pela sua cura e, por via das dúvidas, de encomendação.

Você virou pombo-correio?

Yossef baixou os olhos, como responder?

Yair, caminhando de um lado para outro, em agitação crescente, bradou:

Trabalho sempre mais!

Yossef pigarreou e aguardou para saber se estava autorizado a falar, mas Yair repetiu:

Até hoje, todos os pagamentos dos fiéis descansaram nos bolsos de Zacariah e nada sobrou para mim. Desferiu um pontapé na terra, levantando poeira. Aquele... Conteve-se, mordendo os lábios, o sangue nos olhos. Zacariah sabia que eu só podia receber o dízimo e qualquer outro dinheiro quando ele viajava e há muitos meses evitou sair. Não fosse a mal explicada gravidez da mulher...

Novamente engoliu palavras que não devia pronunciar.

Aproximou o rosto da amendoeira e aspirou seu aroma.

Yossef encaminhou-se para a saída, parou e insistiu:

A mulher de Yirmeyahu estava em prantos e só por isso intrometi-me no assunto. Ela assegurou-me que tem posses e pode pagar o valor da reza, pode ofertar donativo suplementar para a sinagoga.

Yair mirou os próprios pés, cheirou novamente a amendoeira e decidiu:

Farei uma prece especial no começo da noite.

Yossef agradeceu, voltou-se para ir embora e ouviu a recomendação final:

O filho de Yirmeyahu deverá pintar as paredes externas do Templo.

Yossef olhou o rabino, estava igual a Zacariah.

Manhã cedo foi ao mercado para comprar panela, embora a intenção real fosse consultar os rostos das pessoas e verificar se estavam falando... dele. Soube que Yair fora até a porta da cidade e comunicara aos velhos que os homens deviam mandar as esposas à sinagoga no dia seguinte. E isso valia também para Nazaré onde os maridos discutiram a intenção do rabino, e as mulheres, ao redor do poço, reclamaram tanto quanto lhes foi permitido.

As que foram indicadas pelo sacerdote enclausuraram-se em casa e nem levantaram os olhos para os maridos, envergonhadas e tementas, desconheciam o motivo da intimação e sofriam com o silêncio de seus homens. Uma das esposas foi surrada com promessa de apedrejamento caso não lograsse fornecer boa e suficiente explicação após a ida ao Templo.

Se algum crime ocorreu em Nazaré, naquela noite, se os zelotas atacaram alguma guarnição militar, Nazaré deixou de tomar conhecimento, as atenções atravessaram a madrugada concentradas na sinagoga e no que estava por acontecer.

As senhoras deitaram mais cedo e os homens beberam nos estábulos, examinando os animais para ocuparem as mãos e dar trégua à cabeça.

Antes do amanhecer as mulheres enfileiraram-se e caminharam até Séforis, onde encontraram outras mulheres, um exército de olhos afritos.

A reunião foi curta.

Yair comunicou estar cogitando construir o salão comunitário para atividades que reunisse as pessoas e citou vários exemplos para arrecadar fundos: almoços, festas, aulas de aramaico e – surpresa! – cursos de culinária.

As mulheres ficaram sem entender o que poderiam ensiná-las em matéria de comida.

Explicarei o sentido do viver, revelarei o que nós, homens, fazemos enquanto vocês dão à luz uma criança.

Elas olharam-se novamente e tiveram coragem para esboçar sorrisos fugidios.

Pois bem, adianto uma lição: matamos uma vaca fora dos muros da cidade e a queimamos. As cinzas são colocadas na água e com a água borrifamos a cabeça da mãe, purificando-a das impurezas do parto.

As mulheres levaram as mãos aos cabelos esperando sentir umidade. Sabiam – como poderiam desconhecer? – que a parturiente permanecia intocável durante quarenta dias, quem morresse antes da solenidade da bênção era

enterrada sem encomendação, destinada ao diabo. E o rabino prosseguiu na lenga-lenga como se fosse novidade.

Findo o encontro, as mulheres saíram com o compromisso de pensar no assunto, trocar ideias e retornar em três dias, e os homens estariam impedidos de participar.

O segundo encontro não aconteceu. Os maridos de Séforis formaram comitiva e ofereceram ao rabino quantia em dinheiro suficiente para erigir não só o tal salão comunitário, mas também os móveis, mas que o sacerdote conviesse, agrupamento de mulheres, afastando-as do recinto de seus lares, era absolutamente intolerável. Pior, uma blasfêmia, não fosse ele o representante de Yaveh.

Yair aceitou a oferta estipulando parcela extra para o dízimo que não recebera nos últimos cinco meses e os cultos posteriores foram ocupados com prédicas de agradecimento à comunidade. Os valores trazidos resultaram modestos, os tempos estavam bicudos, agricultores com terras invadidas por soldados ou zelotas, os mais abonados falando em mudarem-se para outras paragens, fora da zona de confusão e porque a guerra total era iminente. A chantagem funcionou.

Bem ou mal entrou dinheiro, alegrou-se Yair. Pareceu-lhe desaconselhável, embora justo, embolsar tudo. Mas aumentar o Templo? Desperdício; a pintura seria obtida com o débito de Yirmeyahu, o doente, ainda não pago por seu filho. Tinha pensado numa grande festa de Páscoa, mas ela transcorrera com pouca presença porque o movimento dos soldados era enorme e o povo estava imerso no desconsolo, como se estivesse no Egito.

Egito!

Encontrou a chave do dilema: recordar a faina dos judeus sob o jugo dos faraós, orar pela Terra Prometida, pela intervenção direta do Altíssimo na aventura humana. Se o Dilúvio e o extermínio de Sodoma foram ineficazes para purgar os pecados da humanidade, que Yaveh abreviasse a promessa secular da vinda do Messias. Ficou eufórico: uma festa para a paz.

Convocou alguns comerciantes, incluindo Yossef, que era marceneiro e podia cuidar da construção de tendas. Faria uma segunda edição da Páscoa com o nome Pazcoa. Estando reunidos os homens, Yair descreveu o grande acontecimento:

Em Jerusalém, embora quase impossível caminhar pelas ruas, os peregrinos dormem em barracas ou ao ar livre; numa só festa surgem duzentos mil carneiros para serem sacrificados, judeus de vários países acorrem anualmente, reconhecidos por suas vestes: da Babilônia, túnicas negras; da Fenícia, tecidos coloridos; da Pérsia, rutilantes de seda com brocados de ouro e prata. Vendedores de gado sagrado e cambistas ganham fortunas. Os comerciantes brigam por lugar nas filas que oferecem ovelhas aos levitas. Ao cair da tarde, antes da hora nona, retine o sophar feito de chifre de carneiro cujo som, longo e triste, seguido de seis toques rituais de trombeta, anuncia a abertura do dia mais santo dentre todos, o shabat.

E concluiu o discurso:

Assim deve ser em Séforis. Com a Galileia reunida em torno do Templo, arrendarei espaços para vendedores de animais para as oblações; farei sociedade com vocês para o fornecimento de alimentos; a água da praça será vendida

em pequenos sacos de couro. O começo da prosperidade. O povo participará das cerimônias de apronto com a entrega de aves e frutas para o holocausto e assim acautelarão suas almas despindo-se de sentimentos da inveja, da raiva, da ganância, os corações consagrados ao amor. Eu – apontou o peito – servirei como modelo de modéstia, cobrarei por metade as taxas para presidir os sacrifícios.

Os homens prometeram colaborar, mas sem compromisso, porque tinham assumido responsabilidades. Yossef alegou dever serviços ao palácio e suas muitas encomendas e caiu fora rapidinho.

Com a ausência de Bar-Yona, que não retornara de Séforis e, ao que parece, viajara pela região, Themys deixou-se ficar em casa dormindo todas as manhãs. Depois, em alguns momentos da tarde, surgia na oficina, entrava sem bater e sem cumprimentar, mal abria a boca e logo enunciava uma indagação que o marceneiro deixava sem resposta e nem desviava os olhos da madeira. Fosse sua mulher já a teria acomodado com alguns tapas, mas era mulher de outro ou de ninguém, sobre ela não possuía poder, mas até um limite, porque de um pontapé bem desferido ninguém haveria de impedi-lo.

Themys queria entender o que ele pensava sobre Mariah, a gravidez, a viagem... quando ela fora ao poço, no primeiro dia, percebeu olhares desconfiados e sussurros sobre sua presença na aldeia e sobre o filho de Yossef, como as mulheres souberam? Mais seis meses, mais três meses e a criança nasceria. Ela perguntou ao mulherio sobre o tal homem loiro, parece que loiro, e obteve como

resposta apenas risos. Risos safados. Passou a evitar contato com aquela gente ignorante. Perguntou a Yossef se ele pretendia visitar a mulher, ela desejava viajar para aquele lado, sabia ser um caminho tomado por bandidos e combatentes, queria a sua companhia. Estava presenciando um homem desamparado, temeroso, quebradiço e sentiu pena. Lembrou a reunião convocada por Yair com as mulheres, quase fora obrigada a comparecer:

Quem pensa que é esse rabino que fala e pensa mal das mulheres? Sei não, mas muito homem não deve ser.

Ao final da primeira semana pediu a Yossef para acompanhá-la até Séforis e se ele fizesse cara de nojo, tudo bem, ela faria o percurso sozinha. Como ele precisava ir até a cidade, muito a contragosto e, sem falar uma palavra, permitiu a presença da grega que, quando não falou no caminho, resmungou.

Mal entraram na cidade ouviram gritos na rua, longínquos, mais para o lado da praça, e ela correu para satisfazer a curiosidade. Um grupo de homens dirigia-se para o leste. Themys apressou os passos, avizinhou-se e distinguiu, sempre mais nítida, a causa de tanta confusão: um marido acusava sua mulher de infidelidade e furto de bens. Ele gritava girando o corpo, voltando-se a cada um dos circundantes, recebendo deles assentimentos com meneios de cabeça, concordes com a denúncia, irmanados na dor daquele pobre coitado. Yossef deixou-se ficar bem para trás. O marido esclareceu à multidão:

Ela presenteou o amante com alimentos da minha casa, por tudo nesse mundo é uma condenada!

Certamente, gritou um.

Por tudo nesse mundo, aduziu outro.

Num relance, o marido exibiu o sorriso, mantendo no rosto os traços da tensão da qual estava tomado, e prosseguiu:

Seu companheiro de imundície foi deixado no local do pecado, está mirando o teto com os olhos esbugalhados e um profundo corte na garganta.

Quanto à adúltera, clamou por resultados:

Demora o processo, tarda a sentença, minha honra não resiste esperar tanto tempo, até que o rabino decida o que apenas a mim diz respeito.

Qualquer homem decente deve apoiá-lo, afirmou um popular.

A fornicação em sua própria cama? interferiu outro.

Themys, pressentindo o trágico desenlace, correu à sinagoga e exigiu a intervenção do sacerdote.

Ele não resistiu aos argumentos da estrangeira e dirigiu-se à parte leste da cidade, apressado para acalmar os ânimos:

Recomenda mal essa desordem perto do Templo, foi o que conseguiu dizer ao irado grupo.

Notando que não lograra concordância, alterou ligeiramente a voz:

O rito do processo pode ser descumprido em tais circunstâncias, tamanha a evidência da culpa: um morto na cama do casal, a mulher implorando indulgência, prova provada do crime. Voltou-se para o marido e empertigou-se:

Quer o divórcio?

Divórcio? O marido babou, pena assaz tão benigna para essa infame? Quero todo o meu direito, será a ruína dos costumes decidir em contrário.

O murmúrio de aprovação foi intenso. Yair percorreu os presentes com olhar sério, contemplou as nuvens esparsas no céu azul, abriu os braços e, com voz impostada, suplicou amparo divino. Encarou a mulher prostrada de joelhos e enunciou o veredicto:

Culpada! Que essa desprezível criatura seja conduzida até a casa dos pais e ali seja supliciada.

Seus pais morreram, esclareceu o marido desapontado, bem que gostaria de acabar com esse traste defronte aos que lhe deram vida.

Então levem-na para a porta sul da cidade, para o local preparado para os suplícios.

Assim foi: a mulher conduzida, empurrada e açoitada pelo esposo eufórico e pleno de autoridade, a turba atrás, amaldiçoando as mulheres todas do mundo. Themys, afastada do grupo, considerou que corria perigo em meio àquela gentalha e afastou-se sem perder de vista Yossef que, igualmente, mantinha-se à parte, mas perfilado no cortejo. Os comerciantes que se dirigiam ao mercado voltaram as costas à condenada e logo surgiu o primeiro a cuspir na maldita figura.

Contornaram algumas ruas até as cercanias do cemitério, o marido gritando: cadela, desgraçada, batendo na cabeça da mulher que implorava ser poupada, clamando por socorro, suplicando amparo, negando autoria e, após ser golpeada nas costas, tentou investir contra o marido, mas foi segura pelos braços e tudo o que obteve foram estirões e mais bofetadas.

Themys olhava Yossef esperando uma atitude sua, deixado crescer a raiva no seu coração.

Ele, emocionado, segurava-se para não fugir, era seu dever participar, era homem e membro daquela comunidade, o seu repúdio a Mariah redundaria no sofrimento da esposa, precisava acostumar-se com o suplício da condenação.

A turba estancou ante um tablado alto três metros, o patamar das execuções, o verdugo lá em cima. A mulher foi coagida a subir a escada e recebida pelo carrasco que, num só golpe, subjuguou-a torcendo seus braços com tanta força que ela se curvou para trás evitando que os ossos quebrassem. Ela gritou histérica, lutou para afastar-se e o corpulento verdugo desferiu uma cabeçada deixando-a tonta. Caiu, primeiro de joelhos, depois estirada sobre as tábuas.

A multidão delirou.

O verdugo ergueu a condenada e carregou-a acima da sua cabeça, como um troféu, até a borda do estrado, deleitou-se com a expectativa da plateia – o seu momento de glória – e atirou-a contra o solo. Yossef prendeu a respiração, preferível que morresse logo, suspirou. Ela caiu de costas batendo a nuca numa saliência. Não gritou, apenas um gemido forte foi ouvido. O marido adiantou-se segurando uma pedra, repetindo: vagabunda, cadela e, com energia, alvejou-lhe o peito, provocando barulho surdo. Themys segurou o grito e desviou os olhos. O marido recuou um passo e foi a vez da primeira testemunha, que mirou o rosto, e a pedra bateu ao lado da orelha, dilapidando-a. A mulher curvou-se sobre si, o sangue escorreu das têmporas e da boca, ela engasgou, tossiu querendo esconder o rosto com o braço. A pedra da segunda testemunha atingiu suas costelas, na altura dos rins, ela corcoveou e

seus lábios dilacerados não emitiram som, os braços quedaram-se ao lado do corpo, a face descoberta adornada pelos cabelos ensanguentados, o corte profundo na face, um pedaço de dente sobre o queixo.

Falta a misericórdia, falou Yossef quase soluçando, tardiamente arrependido.

Os homens, ao seu redor, empurraram-no para cumprir o ato final. Themys pronunciou o nome de Mariah, ele ouviu e sentiu-se doente, outra vez o destino impondo-lhe obrigações, esse golpe final, basta uma pedra maior, deixá-la cair sobre a cabeça da moribunda e pronto! E se ela abrir os olhos? se perceber-me no último instante, ele desesperado, parado sobre o corpo da vítima, a vida em suas mãos, uma pedra quadrada, de bom tamanho, o suficiente. Um velho apontou os olhos da mulher como alvo. Sem alternativa, levantou o pedaço de rocha maldizendo Mariah e, antes que soltasse o peso, a vítima soltou o último suspiro.

Yossef largou a pedra e correu sem parar pelos seis quilômetros até Nazaré, sem saber se aquela grega infeliz o acompanhava, sem descansar junto ao poço para recuperar o fôlego, sem pensar, sem desejar viver, absolutamente vazio. Entrou em casa e foi tratar os animais com fúria, socando a cabra que não soltava o leite, sem olhar Themys que entrara logo depois. Ela passou por ele, ignorando-o, sentou na soleira da porta do pátio e segurou uma pata no colo:

Qual a penalidade para homem adúltero?

Nem me fale! vociferou Yossef, jogando longe o balde.

CAPÍTULO OITO

O verão mostrava-se ventoso e uma noite Bar-Yona entrou na aldeia fazendo algum barulho, mostrando-se a quem estivesse acordado. Estava sozinho. Como ninguém sabia exatamente a sua profissão, suas jornadas fora da cidade não causavam espanto, e isso graças a Zacariah.

Acontece que Zacariah sabia que o velho era líder (oculto) dos zelotas locais e não esquecia que o seu sacerdócio era o somatório do sagrado com o político e seu objetivo maior era a sua pretensão ao Sinédrio. Tudo isso considerado, tinha o cuidado de manter boas relações com ambos os lados da guerra por mera precaução. Quando os soldados começaram a aparecer, não faltou um desocupado para indagar o ofício do velho e foi Zacariah quem se aliou no esclarecimento: é consultor. Ora, consultor do que, se ele era analfabeto? Zacariah considerou que todas as casas estavam construídas, portanto, se Bar-Yona fosse tido como consultor de engenharia, nenhuma pessoa descobriria a santa mentira e consultor ficou sendo a profissão dele. Bar-Yona colaborava com o engodo mostrando-se pessoa sem importância, evitando conviver com os da rua e do mercado. O rabino e Yossef (e Tabita) eram os únicos habitantes que conheciam a sua posição entre os zelotas e sabiam que a indiscrição seria paga com a morte. Zacariah tudo o que ansiava era evitar inimigos, acautelan-

do-se para garantir sua parcela de mando fosse qual fosse o desfecho militar. Então, Bar-Yona era consultor de edificações.

Naquela noite, e pela primeira vez, o velho entrou na aldeia fazendo barulho e depois ingressou na casa de Yossef, onde estava Themys, cumprimentou os dois e sentou para comer. E nada mais aconteceu a não ser que Themys reclamou o fedor que exalava debaixo da túnica dos seus dois homens, cheiro de bunda podre, ela esclareceu. Antes que Yossef gritasse algum desaforo, Bar-Yona concordou e convidou Yossef para acompanhá-lo ao banho mensal na piscina pública, local insuspeito para conversar e depois passariam o dia em Séforis

No dia seguinte saíram cedo, Yossef perdendo a vergonha dos vizinhos a cada dia, uma espécie de desafio aos aldeões, aos soldados, às mulheres. Embora não perdesse a carranca, estava fazendo exatamente o contrário do que desejava, que era manter-se invisível. E por que acompanhava as loucuras da grega? sei lá, pensava e dava de ombros.

Na piscina, a água estava na temperatura amena. Alguns homens, entre eles Yair, banhavam-se a cada sete dias, mas a tradição era espaçamento maior, uma ou duas vezes ao mês e, em caso de frio, menos que isso.

Yossef nutria dúvidas sobre a prática de mais de um banho mensal, tanto cuidado com o corpo poderia produzir incúria na alma. Apesar disso construiu, em Séforis, em certa ocasião, uma grande bacia de madeira, como um barco, onde a mulher do centurião Tito Flavius mandava despejar cântaros de água quente e acrescia essências aromáticas.

Apoiou-se na lateral da piscina e levantou os pés, fazendo flutuar o corpo na água. Sentiu-se suspenso, leve, acariciado, fechou os olhos, deixando-se solitário naquela casa de banho, queria-se pequeno e sossegado. Adorava flutuar na água, na horizontal, calor por cima, refrigério por baixo.

Seu embevecimento foi interrompido por Bar-Yona, que mantinha submerso o velho corpo enrugado, esfregando os braços e o tórax, gargarejando e cuspidando:

E Themys? perguntou e afundou a cabeça friccionando a careca reluzente.

O silêncio de Yossef não o incomodou, esfregou um pé no outro, coçou no meio das pernas e saiu da água evitando expor-se em demasia. Vestiu a túnica, sentou no banco e repetiu:

E Themys, como foi?

Yossef detestou a pergunta e, mesmo sem encarar o velho, atentou para seus movimentos, sentiu-se invadido em sua intimidade e incomodou-se, ainda deitado sobre a água. Retornou à posição ereta, caminhou até a borda da piscina, pulou para fora, vestiu-se e acomodou-se ao lado do vizinho.

Bar-Yona tentou por outro caminho:

Algo que invejo nos romanos é a sauna.

Sauna? Em Séforis, desconheço.

Aqui não, em Jerusalém. É uma sala fechada, bastante vapor, o calor abre os poros da pele, deixa os pulmões limpos, menos gordura. Nisso, invejo os romanos.

Yossef ficou calado examinando as unhas dos pés, compridas além do desejável: devia raspá-las, seus dedos eram

tortos, a unha de um feria o outro. Querendo evitar aparência de sabedoria, comentou, com pouco entusiasmo, que o padecimento do corpo é escada para subir aos céus.

Bar-Yona concordou, com relutância, esperando superar o assunto inicial para tratar de questões mais importantes.

Pausa.

Pausa providencial, porque saiu detrás da coluna ninguém menos que Yair:

Preparava-me para acompanhá-los no banho e vejo que me atrasei, não muito, pois ouvi Yossef, não o sabia filósofo.

Yossef envergonhou-se.

Yair levou adiante a argumentação do marceneiro. Bar-Yona quase levantou-se para sair dali, mas o rabino prosseguiu:

É ao deserto que nos dirigimos para expor nossos pecados, debaixo do sol impiedoso, areia escaldante, água racionada e a companhia das serpentes.

Yossef não se conteve:

Precisa o sofrimento?

É lícito cultivar o corpo sem prejuízo do espírito. Depois da morte, Yaveh recompensa cada um na medida das suas obras.

Bar-Yona colocou-se à frente de Yair:

Desculpe, rabino, confesso minhas limitações, mas do corpo desejo, após a morte, que cuidem as minhas carnes para que não fiquem ao sabor dos abutres, será terrível acabar para todo o sempre no sheol.

Yair foi agressivo:

De certa maneira você tem discurso semelhante aos sa-

duceus que pregam o perecimento da alma junto com o corpo.

Que o Altíssimo me condene se penso como esses...

Por que você preocupa-se com a morte se o corpo, que é circunstancial, ressurgirá das cinzas?

Bar-Yona calou-se.

Yossef concordou, havia lógica. O rabino sabia discursar e, sendo ele sacerdote, certo, certíssimo que estava com a razão. Ele, pobre marceneiro, membro do povo ignorante, cuidava para não sucumbir aos prazeres mundanos, como fizeram os seguidores de Moisés enquanto o sábio subia a montanha para receber as Tábuas da Lei. Sentiu a mão de Bar-Yona em seu ombro e o convite para ir embora, Themys devia preparar a janta na sua casa e ele desejava a presença do vizinho, e isso Yossef considerou algo novo em sua vida, parecia que ambos estavam ansiosos por um amigo naquele final de dia.

Bar-Yona recostou-se no divã e ofereceu outro assento a Yossef, que se mostrou à vontade na casa do zelota, apesar da pouca convivência com o anfitrião, que era político importante. Themys, incredivelmente emudecida, preparou a mesa, colocou as frutas ao lado da carne, seria uma refeição frugal. Comeram devagar, com poucas falas, misturando vinho com água quente.

Yossef estava comendo com os dedos, lambeu dois deles e simplesmente falou:

Penso em repudiar Mariah.

Themys soltou exclamação, olhou firme para ele, e nada disse.

Bar-Yona cruzou as pernas, livrou os dentes de um fiapo de carne, olhou a parede:

Parece estar em moda gravidez artificial... dizem que Isabel ficou prenha dormindo.

Zacariah afirmou que foi assim, disse Yossef, e se deteve um átimo para considerar o parente lembrando a própria indignação:

De nenhum modo poderei me sujeitar ao escárnio do povo.

Themys liberou-se da censura:

Você deve esperar o nascimento da criança e examinar as suas feições.

Verificar se ela terá traços do anjo? Com asa e tudo?

Desde quando anjo tem asa, bobão?

Bar-Yona apoquentou-se:

Themys, por que os gregos são intrometidos?

Yossef concordou com a admoestação e completou:

O repúdio é meu direito.

Themys levantou, cortou dois pedaços de pão e os colocou sobre a mesa:

Mas nem todos os direitos devem ser exercidos sempre e apesar de qualquer coisa.

Bar-Yona contemporizou:

Yossef, fala um velho: entre nós, encontramos homens que vivem o inferno aqui na terra quando casam com mulher de má índole.

Themys encarou os dois:

Você acredita em anjo, Yossef? Pois essa figura é criação dos judeus. Nós, os gregos, não precisamos desses pássaros figurados.

Yossef coçou a cabeça:

Se tratamos de adultério, devemos impor os costumes dos nossos antepassados.

Bar-Yona cuidou Themys com o canto dos olhos preparando-se para ouvir uma torrente de insolências, e disse:

Sendo a mulher suspeita desse ultraje, deve ser submetida à prova da água salgada.

Themys arregalou os olhos:

Prova da água salgada?

Sim, ela deve beber água salgada; se vomitar, é culpada.

Themys gritou ah!, bateu o pé e quase mordeu os homens:

Se morrer após degolar o próprio pescoço também é culpada? E você, judeu, terá coragem de submeter Mariah ao flagelo ou vai se borrar como ocorreu no suplício daquela infeliz?

Yossef foi até a porta, examinou sua casa no outro lado da rua deserta, considerou as nuvens escuras, calculou a demora para a chuva de verão, voltou-se para a grega, a expressão no seu rosto estava modificada:

Não há outra solução, devo repudiar.

Bar-Yona titubeou, sempre exigiu de si a coerência, mas aquele caso era especial:

O perdão pode dignificá-lo.

Yossef olhou agradecido aquele velho, pleno de experiência, que se esforçava para defender a vida de Mariah:

O senhor ousaria afastar a lei para beneficiar uma mulher?

Bar-Yona respondeu num fio de voz:

Temos dificuldade em acreditar nas pessoas a quem amamos.

Themys esqueceu a postura guerreira e penalizou-se

com a súbita tristeza do seu protetor. Nada sabia do seu passado, perdera a esposa? teve família? ou a guerra resume a sua existência? Colocou a mão sobre seu ombro, cúmplice. Tudo havia sido dito, as palavras tinham brotado da razão masculina e não lograram êxito, o momento passava a pertencer às emoções, à humanidade de cada um. Ela conhecia o ditado: o homem vale por suas circunstâncias, nunca entendera bem o significado da frase, parecia-lhe incompleta, ora as circunstâncias!

Após um tempo, Bar-Yona deu por encerrado o jantar: Em dois dias retorno à Séforis. Chegou a hora.

Nesses dois dias, cada um deles manteve-se confinado em suas casas, Themys fazendo visitas esporádicas a Yossef. Foram dias bons e oportunos, ele teve os braços ocupados e o corpo molhado de suor na marcenaria. Deu vazão aos pensamentos que voavam longe e tornavam ao ponto de partida: Mariah estava no terceiro ou quarto mês de gravidez, não sabia bem, estava na hora de ir ao seu encontro e tomar a decisão final.

Ao término da faina diária sentava à porta do pátio afinando tacos de madeira até torná-los pequenos palitos, os quais dispunha no centro da boca fazendo-os subir e descer, presos nos dentes, exercitando os maxilares. O seu mundo em meio à poeira infiltrada em suas narinas, adonando-se dos pulmões, visitando o estômago. Os olhos sofriam com o roçar do pó na retina a cada piscadela, ele imaginou uma menina dos olhos raspada com lixa, suas vistas em pouco tempo enfraqueceriam, mas, por enquanto, era cedo para temores.

Themys estava ao seu lado, chegara sem ruído e simplesmente sentara ao seu lado:

No que você está pensando?

Nas leis.

Nas leis! E onde as mulheres entram nessas leis?

Se uma mulher desagrada um homem, agindo com torpeza, o marido escreve um libelo e o coloca nas mãos dela e manda que retorne à casa de origem.

Simples assim?

Zacariah aceita qualquer pretexto, inclusive o preparo incorreto da comida ou a simples preferência do marido por outra pessoa. Eu penso que é exagero, esse castigo deve ser reservado para o adultério, senão o coitado do pai, que gastou tanto para criar e casar a filha, quando menos espera, a recebe de volta.

Themys nada disse, levantou-se num salto e voltou para a casa de Bar-Yona.

Yossef esperou que ela batesse a porta, então foi até o armário e procurou o quadrado de madeira onde Yair, a seu pedido, escrevera:

Ela não é minha mulher, nem eu sou mais seu marido.

No verso, os motivos da sua inconformidade, exaltando algumas virtudes da esposa, como sua beleza e, no final, permitia que ela contraísse novo matrimônio desde que jamais retornasse à Galileia. Tudo isso se não fosse condenada ao apedrejamento.

Quedou-se olhando o documento, muito comprometedor, melhor denunciá-la verbalmente, como aquele outro de Séforis que matou a adúltera esposa; assim, em caso de surgir problema e ser obrigado a pagar multa, poderia

jurar que fora mal interpretado, não é dessa maneira que o políticos agem?

CAPÍTULO NOVE

Bar-Yona viajou na direção do Mar da Galileia para preparar a rota alternativa de fuga pelo rio Jordão, caso fosse necessário.

Themys deixou-se ficar em casa, aparecendo na casa de Yossef nos finais da tarde, metendo-se em tudo, reclamando a sujeira dos solteiros, a quantidade de animais dentro de casa, o fedor, o fedor, e o assunto Mariah, sempre uma pergunta inoportuna.

Os dias mais quentes, o verão e seu calor, Mariah estaria no quarto ou quinto mês? e quem podia garantir?

Bar-Yona retornou na companhia de outros homens e, nos dias seguintes, os despachou para Séforis, dois a dois. Estava eufórico, entusiasmo contido, o grande dia da revolução mais próximo, Séforis seria incendiada, ao menos o palácio e as residências dos ricos e, havendo oportunidade, matariam Herodes, Tito Flavius e o maior número de soldados.

Aquele jovem que Yossef ajudou a trazer para Nazaré, de nome Barrabah, estava nesse grupo. Logo que entrou na casa, espichou o olho para Themys e quando tentou a aproximação, digamos demasiada, ela disse para Bar-Yona, na sua presença, que já tinha capado um sujeito na Grécia e nada lhe custava repetir a façanha.

Pela manhã, Barrabah e Bar-Yona saíram para Séforis

carregando sacos de feno, o passaporte para ultrapassar as muralhas da cidade e material para iniciar o fogo. Na véspera, Bar-Yona exigiu que Yossef aprontasse a maior quantidade de flechas e as levasse com a carreta.

Ele despediu-se de Themys incentivando-a a seguir caminho para Jerusalém, e que apressasse Yossef na ida para Ein Karem.

Themys prometeu-lhe que aguardaria o seu retorno, não viajaria antes de abraçá-lo outra vez e que ele se conformasse com a sua decisão.

Nos dias subsequentes vieram aos ouvidos de Yossef murmúrios sobre o clima de agitação tomando conta de Séforis.

Themys mudou-se para a casa de Yossef sem pedir licença, dormindo na cama do casal, e ele teve que mudar-se para o feno da estrebaria, ao lado de Caim. Ela dedicou-se ao preparo das refeições sem que o dono da casa discordasse, estava chegando a data da viagem, um mexerico a mais ou a menos...

Bar-Yona, nessa última saída, deixou a sensação de despedida e, talvez pela presença da grega, Yossef criou elo (de amizade?) com o velho. Quando ele saiu com Barabab, Yossef sentiu um vazio no peito, uma espécie de perda súbita, sumiço no apetite. O desânimo abateu-o, tudo estava pesado, inclusive o ar, emoções misturadas, um pouco do velho, um pouco de Mariah, um pouco da ausência de Cleofas que não queria laços com os zelotas. E um pouco da grega.

No almoço consumiu o resto de vinho, deitou no banco da mesa, a cabeça girando por causa da bebida, e adorme-

ceu. Sonhou que Tabita havia criado um leão, eram companheiros de farras nas montanhas e, um dia, o animal, que havia crescido, desapareceu e longe ficou algum tempo. Estava Tabita em meio às ovelhas, conversando com Yossef, quando o leão surgiu lá no alto. Tabita alegrou-se, correu até ele, abraçou o animal, rolou com ele pela grama, até que o movimento cessou. Yossef esperou os amigos levantarem e virem ao seu encontro, mas o que presenciou foi o leão arrancar um braço de Tabita e comê-lo.

Acordou com o som da chuva, pingos grossos batendo forte nas telhas, furando a terra, aumentando de intensidade, até que a enxurrada caiu do céu lavando o ar poeirento. As cabras berraram, zurrou Caim, as patas marcharam mudando continuamente o rumo, detendo a perna no ar antes de completar o passo, a cabeça rodopiando, olhos saltados, grasnando dissonante, deliberando se o que estava acontecendo era normal ou rondava o perigo. Passada a primeira torrente, elas concluíram que as coisas estavam bem e quedaram-se inertes.

Yossef abriu a porta e viu a horta encharcada, bendito seja, murmurou, olhou o fogão, neste verão gastarei pouca lenha e, no inverno, estarei em Ein Karem. Era oportuno preparar-se para a viagem, os soldados já haviam avisado à população que era obrigação submeter-se ao censo, cada um onde estivesse em dezembro. O momento do repúdio avizinhava-se.

Procurou Themys, estaria amedrontada com a tempestade? Ela nada era sua, nem esposa, nem escrava, nem amante, nem filha, só mulher. Foi até a oficina, ela estava sentada pintando um pedaço de madeira. Ele tentou ini-

ciar um serviço e não logrou concentrar-se, os músculos estavam flácidos, a mente oca – bicudo, estava bicudo – e quando ficava bicudo o melhor era aquietar-se. Empunhou um taco de madeira, sobra de um pé de mesa, e, com o canivete, formou sulcos, ouviu o grasnar e enxotou o pato. Voltou para a sala, colocou panela com água para o chá de erva amarga, devia chamar a grega para lidar com isso? Esperou que a água fervesse encostado à porta, cuidando as aves refestelarem-se numa poça, preparou o chá e continuou a esculpir o taco. Surgiu uma pequena imagem. Escavou as laterais do peito dando forma aos braços, corrigiu a túnica reduzindo as pregas e, com os dedos na ponta da lâmina, iniciou o contorno da boca. Considerou se o boneco ficaria sorrindo, o corte para cima, ou tristonho, o corte para baixo, e traçou uma linha sem curvas.

Magia? perguntou Themys junto ao seu ouvido.

Ele quase deixou cair o boneco e resmungou:

Que diabos, você me assustou!

Ela chegou-se, tomou-lhe o boneco, e disse:

Para terminar a boca, basta um talho. Se falar, é coisa do demônio.

A chuva persistia e ela obrigou-se a confessar seu medo. Pingava dentro de casa, o telhado podia cair? Foi até o forno, colocou outra panela para esquentar água:

Você viajará quando? Para o censo?

Ele assentiu com a cabeça.

E estará em Jerusalém a tempo do Yom Kippur?

Ele deu-se conta, realmente não estaria na capital no Dia do Perdão, o Iom Kippur aconteceria no mês próximo e ele só poderia viajar bem mais adiante. Sentiu-se

aliviado em escapar da data religiosa e resolveu que, em Nazaré, ficaria escondido naquela oportunidade. Perdoar, mesmo que sua alma estivesse gritando não quero? os agitados pensamentos continuaram em sua mente, mas o corpo não se moveu e só então respondeu:

Não, preciso resolver muitas coisas antes de chegar a Ein Karem.

O repúdio?

Mirou Themys, assunto particular tratado com uma estranha, estrangeira, mulher:

Sim, o repúdio, disse e baixou os olhos.

Themys não deu trégua:

Soube hoje, antes da chuva, da morte de escravos de um romano e roubo de moedas do sobrinho de Yair, a situação agravou-se.

A nossa viagem é conveniente, quanto mais longe daqui, melhor.

Sim, é conveniente.

Pela primeira vez concordavam. Ele contemplou a grega e deixou escapar o comentário:

Zacariah conseguiu evadir-se, mas Yair está enrolado. Herodes o convocou para integrar a comitiva que irá lançar a pedra fundamental da nova fortaleza, em homenagem aos romanos.

Duvido que essa comitiva consiga sair de Séforis considerando o que os zelotas estão aprontando.

Faltou assunto.

A chuva arrefeceu e logo em seguida entrou Cleofas, que estancou os passos ao ver Themys. Ele entendia que o repúdio era solução honrosa para o filho e uma nova

mulher resgataria a sua nobreza. Além disso ele, Cleofas, sentia-se burlado nas tratativas do desposório, pagara o mohar para não ter nora, o nome da família estava aviltado, gastou dinheiro sem direito a neto. Pior que isso (a desgraça completa) seria a absolvição de Mariah. Além do escárnio público, resultaria em dívida para ele com a indenização que passaria a dever aos pais dela, talvez cem ciclos, dez vezes o mohar, desgraça, desgraça! Mas quando falou, na presença da grega, era outra pessoa:

Recebi notícias de Zacariah. Avisou que Mariah sofre porque está apenas cumprindo os desígnios do Senhor e, ao mesmo tempo, sente que está causando tristeza a você.

Yossef enterrou os dedos na túnica, apertou os dentes, encarou Themys, é bom que essa mulher continue calada ou tomará um pontapé.

Cleofas acompanhou o olhar do filho até a intrusa, mas parada ela estava, imóvel permaneceu, com os olhos postos no tampo da mesa.

Com o mesmo ímpeto da entrada, Cleofas retirou-se, gritando:

Nasceu João e já foi circuncidado

A hora é agora!

Bar-Yona enviou mensageiros aos povoados da redondeza com o alarme: ataque à Séforis! evitem a cidade. Séforis, depois Ptolomaida e, por último, Jerusalém. Herodes estava em Séforis e seu único pensamento era a nova fortaleza, era urgente agradar os romanos e garantir seu apoio militar. As patrulhas do exército estavam de olho nos ajuntamentos e quando as pessoas não justificavam as reuniões de rua, mesmo fortuitas, eram conduzidas à prisão. O cemitério acolhia mais e mais hóspedes. Tito Flavius, o centurião, queria saber onde estavam os zelotas.

Alguns guerrilheiros iniciaram escaramuças em Tiberíades para obrigar Herodes a sair da cidade e, com ele, os militares. Bar-Yona logo impediu que essa ideia tomasse vulto, a melhor tática é o imponderável, o inverossímil, avisou, Alexandre assim obteve grandes vitórias no passado, vamos deliberar no teatro, lá estaremos acobertados pelos artistas gregos.

O teatro fora edificado na parte mais alta de Séforis, escavado na rocha, o semicírculo da arquibancada, os degraus de ponta a ponta abraçando o palco; atrás do palco, a parede mais alta que seis metros, adornada com colunatas que ladeavam grandes nichos e, nessas reentrâncias, estátuas.

Yossef, visivelmente contrariado, fez-se presente, o velho mandara intimação expressa para que comparecesse e ainda por cima com a incumbência de levar flechas, mais flechas.

Os vigias sinalizaram com assobios e movimentos de braços indicando que a área estava sem intrusos. Para todos os efeitos eram espectadores de um espetáculo teatral. Os atores iniciaram a performance e logo depuseram seus apetrechos e acomodaram-se no palco.

Bar-Yona emergiu do labirinto existente sob o palco, onde permanecera oculto, e surgiu como personagem principal, colocando-se na boca de cena, emoldurado pela colunata, pela magnífica rotunda feita com tijolos, massa de barro e sensibilidade. Os assistentes, sentados na escadaria, podiam divisar através dos janelões, às costas de Bar-Yona, a lua esférica, luminosa. Bar-Yona conhecia todas aquelas pessoas, com elas conversara cooptando-as, eram criaturas simples, corajosas, apreensivas com eventual retaliação implacável do rei.

Alguém, certamente agricultor, ponderado demais para a guerra, sugeriu:

Quem sabe o sacerdote possa impedir a matança mediante acordo com o rei?

Os ânimos esquentaram, os protestos avolumaram. Bar-Yona exigiu silêncio, estavam numa reunião secreta. Colocou charme na voz, que a arquitetura do edifício amplificou para o alto, para todas as direções, audível em cada centímetro da arquibancada, essa a magnificência do teatro e da engenharia grega:

Em condições favoráveis é possível a não-violência.

Yaveh permitiu que caíssemos no cativeiro do Egito, contudo, mais tarde, libertou-nos. Quando viemos para esta terra, já tínhamos vivido duzentos anos sem governo central, éramos agricultores e pastores que se apoiavam mutuamente. Mostramos que um povo pode viver sem dominação e que, se hoje precisamos de governantes para não cairmos sob o mando de estrangeiros, que esses governantes sejam reis com poder menor que o poder dos faraós.

A tagarelice invadiu a plateia, discutiram entre si e com o orador. Bar-Yona continuou depois de um tempo:

Sem o vigor da violência nada mudará! Os dominadores usam nossas elites para legitimarem-se; antes, respeitavam nossas tradições, agora cunham moedas pagãs.

Um homem gritou:

Hoje sei por que me tornei zelota e desta noite em diante serei sicário.

Aplausos.

Bar-Yona sorriu, ali estava um guerrilheiro veraz, um homem ardente.

Pouco mais foi dito, todos concordaram em agir com presteza e intrepidez, mas careciam de comando forte e que o líder se fizesse presente no campo de batalha.

Bar-Yona chamou Barrabah e anunciou:

Eis o homem.

E Barrabah foi ungido general dos zelotas, chefe-em-comando da guerrilha. Assim estabelecido, coletaram entre si informes sobre a cidade e a região que parecia calma mas, nos bastidores, a sedição era intensa, os judeus pobres acoitavam os zelotas que, protegidos pela noite,

mapearam os pontos vulneráveis, a rotina da soldadesca, as alternativas de fuga.

Bar-Yona bradou:

Acenderei a primeira tocha!

Aplausos.

O mesmo homem que havia sugerido uma derradeira diligência do rabino com Herodes para evitar a luta armada levantou para retirar-se, contrariado, arrependido por ter-se deixado seduzir por aquele ambiente, nem zelota era... bem... simpatizante... mas daí fazer guerra? O que estava ao seu lado tentou demovê-lo:

Cobram imposto sobre tudo, sugam o nosso suor, massacram nossa fé, surrupiam nossa comida, e você desiste?

Outro vizinho ajuntou, segurando o braço do retirante:

Para você eles podem levar tudo, até o cheiro da tua barriga, e amanhã eles criam uma nova taxa, o imposto do peido.

Você é um desbocado! respondeu o sujeito caminhando para a saída.

Você quer morrer como cordeiro? Lute, homem, ao menos uma vez, lute! replicou o primeiro.

A minha liberdade de decidir você não respeita? Prometo orar pelos zelotas.

Oração não dá emprego, não basta rezar, precisa agir.

O homem foi embora.

Bar-Yona traçou o plano, os locais de incêndio, a hora, começariam com fogo no feno largado em pontos diversos da cidade, dispersando os soldados, reduzindo a guarda do palácio e da casa do centurião. Entrando no palácio, o foco seria o paiol, o estábulo, o que encontras-

sem de pano e madeira, as carroças, os animais ficariam alvoroçados e fugiriam. Depois correr, esconder-se, reagrupar-se.

O incêndio aconteceu naquela mesma noite, não por causa do plano elaborado, mas porque o agricultor arrependido fora interceptado por um soldado quando descia a colina, vindo do teatro, e não se demorou a confessar a existência da reunião. O exército avançou para o teatro, muitos participantes foram mortos sem direito à prisão. Armaram grande caçada a Bar-Yona e Barrabah, na cidade e arredores. A guerra fora deflagrada. Por acaso também era o dia designado pela rainha para inaugurar o caramanchão, e Yossef fora convocado para elogiar o arquiteto, mas a festa foi cancelada.

Yossef compareceu ao palácio mesmo assim e nem lhe abriram as portas. Esperou as horas passarem e foi ao teatro. Na volta da reunião, caminhou por ruas estreitas e calçadas com grossos pedaços de rocha cinzenta, disformes; ruas ladeadas por paredes de prédios com dois andares, as janelas fechadas. Não era seu costume caminhar por ali, preferia a via principal, mais movimentada e larga. Nessas vielas as casas aglutinavam-se umas às outras, umbicando-se, penetrando-se, os casarios frente à frente, ruas tão estreitas que dois homens não se cruzavam sem acomodar o corpo de lado. Entrou numa rua deserta com cheiro de pedra vermelha e dali ouviu o rebuliço na via principal, os soldados e os perseguidos. Adiante, uma casa sobre a rua e a passagem como túnel. Mais adiante encontrava-se a porta sul da cidade e a estrada para Nazaré. Ouviu um

rumor e nada distinguiu. Inquietou-se. Entrou no túnel cuidando para não tropeçar no calçamento e quando se encontrava em meio à passagem, foi envolvido por braços vigorosos que o puxaram para uma porta.

Você sabe que Bar-Yona está em perigo?

Não.

Bar-Yona precisa da sua ajuda, está sendo procurado e será morto. Ele deve esconder-se na sinagoga.

Yair jamais autorizará a entrada de um zelota.

Você não é o marceneiro do Templo? Você resolverá isso.

Será preciso passar pelos guardas na praça.

Isso é problema nosso, você tem que abrir a porta do Templo em dez minutos.

Não chegarei a tempo.

As ofensas que os homens gritaram não molestaram menos que o bafo de cebola e alho que exalava de suas bocas.

Surgiu o dono da casa, aflito com o barulho das vozes, e a porta da rua foi fechada. Yossef ainda quis argumentar, não era pessoa indicada, havia estado no palácio, mas não terminou a frase, um zelota espalmou a mão e segurou o saco de Yossef, que caiu ao solo, encolhido, concentrado em suportar o sofrimento traiçoeiro, dor pungente que, saindo das pernas, subia pelas laterais da pélvis abarcando a bexiga, como nervo exposto, pior que soco no nariz ou pontapé na canela, os maxilares fortemente confrangidos fazendo doer os músculos da face, o corpo tremendo em convulsões. O zelota soltou-o e a dor começou a diminuir pouco a pouco como se uma agulha estivesse sendo reti-

rada da sua carne sob a unha. Respirou fundo e logo foi erguido e levado até a porta.

Themys chegou ofegante, jogou a porta para trás e parou ao pé da escada, gritou por Yossef, passou pelos animais no estábulo, abriu a porta dos fundos, foi até o pátio, retornou à casa e subiu a escada, examinou o quarto, desceu, olhou a oficina e finalmente sentou junto à porta de entrada respirando com dificuldade.

Passou um homem conduzindo um jumento, o lombo ladeado por cestas, cumprimentou-a e seguiu avante, o barulho das patas na terra batida e o ranger das cestas foi tudo o que ela escutou, além do arfar do próprio peito.

Na esquina, o homem acenou respeitoso para alguém e Yossef apareceu abraçado a pedaços de madeira, segurando toras roliças.

Meu Deus, como você demorou!

Estava com um comerciante que trouxe esta encomenda.

Você foi avisado que os soldados estão acampados na colina?

Não, o comerciante veio do sul. E o que fazem os soldados?

Vieram há pouco e estabeleceram guarda, por ali ninguém passa.

Yossef entrou na oficina e acomodou a madeira:

O problema deve ser para o lado de Séforis, Bar-Yona apareceu?

Themys olhou a casa em frente:

Não o vejo desde que foi para Séforis, mas ele estava na reunião do teatro, você disse.

Estava... Devo terminar esta mesa, é minha última incumbência antes de viajar. À tarde irei ao mercado saber as novidades. Pelo visto, terei que alterar o roteiro até Ein Karem.

Podemos ir pelo Monte Tabor até o Jordão, Bar-Yona aconselhou-me.

Ainda assim teremos que passar pela Samaria, o que é péssimo... Bem, ao menos estaremos na divisa com a Pereia; se necessário, atravessaremos a fronteira.

Themys retornou à porta, cuidou os lados da rua, colocou as mãos na cintura jogando os ombros para trás:

É complicado entender vocês: fariseus de um lado, samaritanos de outro, saduceus, zelotas, o escambau!

Yossef e Themys foram para Séforis. No caminho encontraram um pastor que disse ter visto, do alto da colina, fumaça preta.

Desavisada, Themys indagou:

O incêndio continua? e, para disfarçar, completou: podem ser os romanos.

Yossef tentou mudar o rumo da conversa:

O incêndio foi grande, por muitos dias terá fumaça. Nunca vi loucura igual, os zelotas anunciaram o seu plano, os inimigos...

Quando passaram a muralha da cidade, disse:

É melhor você ficar longe de mim, andei perto demais dos zelotas.

E antes que a grega argumentasse sua rebeldia, afastou-se em direção ao mercado onde as bancas estavam desarmadas e grupos de comerciantes discutiam em voz alta. Algumas mulheres mantinham-se em respeitável distância com os ouvidos aguçados em busca de informações para a conversa ao redor do poço.

Divisou o comerciante que trouxera a encomenda para a oficina e ele explicou que havia tentado voltar para o sul e fora barrado. Insistiu, nada tinha a ver com a subversão, pertencia ao reino de Felipe, que o deixasse passar, mas só

conseguiu uma paulada na orelha.

Yossef estava com medo:

Nazaré está sitiada e os soldados logo entrarão na aldeia à procura dos zelotas.

O comerciante enfureceu-se:

Esses infelizes zelotas! Provocam a ira dos militares e depois fogem. Quem os autorizou a brigar em nome do povo?

Yossef concluiu que o comerciante era um imbecil, os zelotas não lutam em nome do povo, eles defendem ideias, o povo é quem adere:

Somos o povo que mais tem lutado pelo direito de viver.

O comerciante encostou o dedo no peito de Yossef, que recuou:

Parece que você esqueceu a destruição de Jerusalém, que foi atacada de surpresa e toda a força romana degolada. Os zelotas, em maior número, venceram a batalha, obrigaram os soldados a retirarem-se para o alto do palácio, os arquivos foram queimados e cercaram o edifício. Os principais da capital, temendo as consequências dessa insânia, pediram tropas à Roma.

Qual o motivo dessa luta? interessou-se Yossef.

Incitar o povo a recusar presentes dos romanos para os sacrifícios. O comerciante gostou de ouvir a própria voz, voltou-se às outras pessoas que o rodeavam:

Ora, vejam só! O Sumo-Sacerdote mandou reunir o povo e disse que a causa era injusta, que, no passado, jamais houve recusa de outras nações. Em resumo: o exército romano foi recepcionado pela maior parte do povo,

o combate aos zelotas teve início com arremesso de flechas e pedras, luta corpo a corpo e Jerusalém foi cercada: não sobrou uma só pessoa viva, nem homem, nem mulher, nem criança, nem zelota, nem sacerdote, nem os que apoiavam a paz.

Yossef começou a afastar-se, o discurso estava um tanto incompreensível, e o homem concluiu:

É claro que, naquela época, os zelotas tinham outro nome, mas era a mesma gente.

É o preço da liberdade, seu babaca, surgiu Themys num repente, empurrando quem estava à sua frente, colocando-se perto do orador. Séforis está sendo queimada porque aqui encontra-se o arquivo público com contratos e obrigações, processos e sentenças. Incinerando o título, cessa o compromisso, as pessoas ficam dispensadas de entregar suas terras ou vender a família para pagar dívida. En-ten-deu?

Os homens silenciaram não crendo que uma mulher se intrometesse em assunto masculino, ainda mais uma estrangeira.

Yossef disse a si mesmo, bem baixinho, que, apesar de mulher, ela estava certa. O povo cuida de sobreviver e Yaveh é a nossa última esperança. Contudo, estamos sem dinheiro para a compra de animais sagrados e os mercadores exigem preços sempre maiores. Já teve vontade de corrê-los do Templo, por que orar deve significar a compra de objetos? Oferecia a vítima e queimava velas como rotina, mas preferia olhar as estrelas a visitar a sinagoga. Deu-se conta no que estava pensando e de onde saíram tantas

ideias? Receava que suas falas no mercado e a vizinhança com Bar-Yona, em Nazaré, o colocasse sob ferros... sem mencionar a língua solta dessa grega! Que os romanos fossem ao diabo, ele tinha a sua guerra particular com Mariah, que inventou um filho.

Afastou-se sem dar tempo a Themys para acompanhá-lo. Mas foi alcançado adiante:

Aposto que Bar-Yona iniciou o incêndio e fugiu... para Nazaré. Ele devia seguir para mais longe, Nazaré é pequena, sem um buraco para enfiar-se.

Yossef concordou, estava concordando muito com a grega:

Ele está na casa de alguém e esse alguém pode encomendar a sua alma.

Themys aligeirou os passos:

Vamos embora, se Bar-Yona precisa de ajuda, é lá em casa que irá nos procurar.

Em casa, Yossef foi à cozinha, arrancou um naco de pão e acomodou-se na oficina, no seu banco, pensativo entre suspiros e pigarros. Pensou na grega que lidava com as panelas: encontrá-la foi bafejo da sorte ou do infortúnio? Ela aparentava ser conquistadora, adolescente, aristocrata, tola, atrapalhava seus planos, constrangia-no na cidade... mas o eventual contato dos braços nas partes macias ao caminhar... vestia decote demais generoso, ao contrário das judias. Se quisesse, ele podia vislumbrar uma pequena parcela dos seios, poderia tê-la, se quisesse, como a uma ovelha,

uma cabrita,
uma cadela,
tinha seios volumosos:
uma vaca!

Um vulto entrou rápido e fechou a porta. Era Bar-Yona:
Nazaré está em perigo!

Yossef conseguiu tartamudear:

Todos sabem.

Preciso de ajuda. Agora Séforis está em guerra, devo esconder-me num local que os soldados não pensem em procurar-me.

Yossef tentou evitar uma ponta de raiva. Novamente estavam determinando a sua vida. Cogitou recusar socorro ao velho, porque devia envolver-se de tal modo sem que tivessem solicitado o seu assentimento? Não pretendia morrer com o vizinho, ainda se houvesse uma grande causa, mas era só bagunça, que direito tinha esse zelota de intrometer-se consigo? que direito tinha Mariah de impor-lhe a condição de menosprezo? que fazia ele ali? ralem-se todos, rale-se a Judeia, a Galileia, a Palestina, quem se importa comigo?

Os ombros vergaram, fechou os olhos.

Bar-Yona saiu porta afora e desapareceu.

Themys saiu à procura de Bar-Yona, a quem perguntar? Foi ao poço e nada. O pastor Tabita puxou-a para um lado, ofereceu-lhe uma ovelha para comprar em voz alta e, quase inaudível, disse que o velho estava no cemitério, escondido num túmulo vazio, com tampa de palha para

permitir a entrada de ar, água e comida. Ele ajudara a acomodar o seu líder.

Ela ignorava que alguém pudesse colocar-se num local desse. Voltou para casa, pediu a companhia de Yossef dizendo apenas que precisava ir ao cemitério. Eles caminharam céleres, ela queria usar como atalho uma viela secundária, mas viram um soldado – eles chegaram! – e foram obrigados a manter o passo pela via principal e desembocaram no poço onde depararam com outros soldados, um deles sobre a murada da cisterna, com a mão sob o saio:

Ou entregam o bandido ou mijo na água.

Themys ensaiou insurgir-se. Outro soldado mostrou o pênis, ela gritou e voltou-se para Yossef, em cujos braços refugiou-se, ouvindo risadas.

O militar mirou as pessoas, rijas como estacas:

Mijo e acabo aqui dentro.

O tumulto foi intenso, os homens discutiram e houve quem exigisse a entrega do velho, ele devia ter escapado para a montanha, por favor, soldado, precisamos de tempo. Outro garantiu notícias do zelota até a noite, mas respeitassem o poço, sem água, acaba Nazaré.

O militar respondeu:

Devo cumprir a ordem de prisão do incendiário, Nazaré que vá ao diabo. Contudo, ordenou que os soldados formassem tropa e seguissem para o acampamento, ameaçando:

Até a noite. Quando escurecer, voltaremos.

Yossef, estarrecido, procurou Themys para aconselhar a espevitada, mas ela sumira. Eu sei, pensou, esgueira-se

entre os túmulos. Falou aos conhecidos:

Sugiro recolher água, creio que à noite o poço será inutilizado.

Alguém comentou que um desconhecido fora morto na entrada do vale, parece que um peregrino; outro lembrou ter avistado um desconhecido saindo da aldeia.

Yossef simulou estar concentrado em examinar a água da cisterna e rendeu graças ao céu que a grega estava em outro local, o momento era propício para a delação.

Um dos velhos afirmou, com voz dificultada pelos lábios murchos, que os zelotas agem como aquele sujeito em cujo ouvido entrara um bicho e, para livrar-se do mal, introduzira na orelha tudo o que encontrara: palito, papiro retorcido, areia, pedregulho, folha de árvore; no final, matou-se e findou o incômodo.

Um pedreiro adiantou-se:

Estamos cansados dessas lutas, cada dia um novo líder, um novo profeta. De cada família sai um escravo. Lembrou o sucedido com a família de Nahas, ele assinou contrato com o latifundiário que todo o ano vinha buscar sua parte na colheita. Um dia Nahas rejeitou a entrega, a safra fora mal, estava passando fome e foi parar na sinagoga, para julgamento. Resultado: vendeu um filho como escravo; faltou dinheiro no ano seguinte, vendeu o segundo e o terceiro filhos. Restou a dívida com o dízimo e as custas do processo: entregou a mulher, bandeou-se para a montanha e desapareceu.

As vozes exaltaram-se, Yossef desculpou-se, saiu dali orando para que a grega continuasse longe. Entrou em

casa e a encontrou muda.

Ela esperou que ele entrasse, caminhou até o centro da sala, recostou-se na mesa e disse:

Aqui tem-se medo e ódio e corrupção e violência e falta de dinheiro e falta de mulher e falta de filho. O que você está esperando para cair fora da bosta deste lugar?

CAPÍTULO DOZE

Bar-Yona, como parte do seu plano, escondera-se num buraco no cemitério. Enquanto a noite não vinha e os soldados não danificavam o poço, as pessoas armazenaram toda a água que conseguiram.

Themys abandonou Yossef junto ao poço, disfarçou como pôde e seguiu até o cemitério. Descobriu o falso túmulo e falou baixinho com seu protetor. Ele safou-se da grama e folhas de árvore, escapuliu do buraco e ambos se esconderam numa moita existente perto do muro de pedras.

Bar-Yona narrou a revolta:

Foi assim: incêndio, gritou Barrabah, após afastar-se do palácio; incêndio, exclamaram outros zelotas; incêndio, incêndio, a população começou a correr. Os soldados, confundidos e surpresos, apontaram suas lanças para todos e para ninguém. A zona rica de Séforis foi tomada pelo fogo, as labaredas cresceram e, infelizmente, algumas casas pobres sucumbiram. Enquanto Herodes retornava às pressas para o palácio, pois estava numa festa na casa de Tito Flavius, desprotegido em meio à turba, Barrabah ingressou na casa do centurião com seus homens, através da área de serviço, e enquanto socorriam o rei, Tito Flavius foi alvejado, seus defensores também caíram, mas o capitão da guarda escapuliu e gritou pela guarda romana. A luta

foi travada no pátio central da casa e Barrabah foi cercado por espadas ensandecidas. Herodes, assim que entrou no palácio, ordenou que fechassem os portões e dizimassem o nosso pessoal. Mesmo quem fosse mero cidadão mas estivesse na rua, morreu. Um comerciante de pequeno porte, rogando pela vida e jurando grande fidelidade ao rei, alegou que o culpado era eu e que eu estava na cidade. A traição à nossa causa não lhe poupou a vida, mas então os militares sabiam a quem procurar. Casas foram invadidas, carroças destruídas, zelotas presos e torturados. Também ninguém lembrou, naqueles primeiros momentos de extrema confusão, de percorrer a estrada para Nazaré ou vasculhar a sinagoga. A noite foi longa, os baldes de água passando de mão em mão, os habitantes irmanados para protegerem suas habitações, mas ninguém clamando contra nós, a não ser que um soldado estivesse por perto. Fui levado para a sinagoga onde permaneci toda a noite. Pela manhã o estrago estava controlado, o palácio escapou das chamas e um mensageiro foi despachado para pedir tropas a Jerusalém. Eu percebi que meus dias estão contados e quis participar diretamente da ação, acendi a primeira tocha, como prometera, deliciando-me com as labaredas. Saí dali, ultrapassei alguns obstáculos e cheguei atrasado à casa do centurião, os soldados estavam dizimando os nossos guerreiros. Mas soube que foi Barrabah quem disparou a flecha fatal em Tito Flavius, para minha inveja.

Themys estava emocionada:

E por que decidiu voltar para cá? Certamente será caçado aqui, sem chance de fuga.

Primeiro, porque a região em torno de Séforis restou

um caos completo, como queríamos. Depois, sei que dificilmente viverei depois desse ataque e aqui está a minha casa, você está aqui.

Themys soluçou:

Nazaré está cercada, os soldados prometem destruir o poço esta noite, será o fim da aldeia. Antes que a rebelião finde e possam cavar outro poço, a falta de água obrigará que todos abandonem o lugar.

Bar-Yona, talvez sem outra coisa a dizer, afirmou:

É o preço da liberdade.

Themys segurou o choro, o sangue grego aflorou subitamente:

O que vale a liberdade para quem morre?

Bar-Yona nada respondeu e despediu-se:

Está bem. Que alguém avise os soldados onde é o meu esconderijo. Irei para Monte Tabor.

Você será morto na estrada!

Caminharei na noite. E não morremos a cada dia?

Themys quis protestar, mas ele afastou-se com firmeza:

É o meu preço, grega. Você deve sair daqui com urgência, este não é o seu mundo.

Themys olhou seu protetor caminhar para a morte. Era o seu destino, todos temos o nosso destino. Sentou-se na mureta de pedras e permitiu tempo bastante para que o velho fugisse. Depois, lentamente, encaminhou-se para a casa dele, entrou e examinou as suas poucas coisas. Era um homem humilde, o segundo avô que perdia. Gregos e romanos, o que difere entre nós? Ambos os povos vivem da guerra, nossos heróis são militares, raramente um grande artista. Antes de sair da Grécia disseram-lhe que,

se fosse ao sul de Roma, encontraria uma região que era denominada justamente de Magna Grecia, a Grande Grécia, onde tantos emigrantes criaram colônias, que os romanos invadiram mais tarde, adonaram-se de suas terras e do poder, mas não da cultura. Ao contrário, absorveram o pensamento e modo do viver grego. Disseram mais, que se fosse a Roma, estaria praticamente em casa, até os deuses eram os mesmos, com nomes diferentes. Ela não quis acreditar nisso, afinal o que tinha seu povo de tão importante para fazer a cabeça do invasor? Era tudo farsa, a democracia grega era farsa, as assembleias na praça de Atenas era reunião dos poderosos, ali não comparecia pobre ou escravo... nem mulher. Pelo que estava vivenciando na Palestina, os romanos eram mais diretos, mais honestos, impunham sua lei e pronto, sem discurso bonito. Aqui é mais simples para entender e mais fácil para odiar, sim, estava odiando os romanos e os judeus, decididamente queria voltar para sua pátria.

Um tempo depois, que não soube medir, foi até o poço para cumprir seu dever, indicar o buraco no cemitério, antevendo a histeria que tomaria conta de todos. Demorou-se para chegar ao poço. As pessoas estavam paradas, homens e mulheres agrupados, a maior novidade da aldeia, o que foi agora?

Acabaram de matar Bar-Yona na estrada.

Um velho disse que parecia suicídio, o caminho mais vigiado e lá justamente ele foi se meter?

Themys apenas deu a volta e, com os mesmos passos lentos, seguiu para a casa de Yossef.

Entrou, percebeu que ele já sabia da notícia:

Ele mandou lembranças para você, Yossef.

Para mim? o que ele esperava que eu fizesse?

Enterrá-lo.

Enterrá-lo? um homem oferece a sua vida em holocausto para um povo mal-agradecido e finda sem mulher e sem filho para enterrá-lo?

Yossef completou o que estava fazendo.

Tudo bem, considerou em silêncio, construirei uma pa-diola para atrelar Caim e trazer o corpo... e iniciar as exéquias.

Themys dirigiu-se às panelas:

Está muito abafado, talvez venha temporal, devemos apressar a cerimônia.

Yossef nada mais falou e nem repreendeu a grega, mesmo julgando pesar contra ela um pouco de responsabilidade.

O defunto foi levado para a casa dele e o corpo depositado sobre a mesa.

Themys tomou a iniciativa e pediu que Yossef despisse o morto, precisava limpá-lo do sangue, colocar túnica limpa.

Ele recusou:

Não posso tocar nas roupas, menos ainda no sangue, a Torah diz...

Themys nada sabia da Torah ou dos costumes judeus e mesmo assim decidiu detestá-los:

Então convoque algumas mulheres. Vocês, judeus, dizem que Eva introduziu a morte no mundo à custa do primeiro macho e por isso nós mulheres devemos condu-

zir nossas vítimas para o túmulo, não é isso? Ora, vocês, crianças desprotegidas, com suas desculpas e imunidades. Vá, deixa-me com esse corpo inerte, quero ver o seu tamanho.

Yossef supôs estar enlouquecido, não bastasse a sua mulher autossuficiente que nem para a concepção tinha precisado dele, aparece essa grega desaforada, língua despregada e costumes vândalos. Mas com ela podia lidar, arranco-lhe a cabeça, corto sua língua, atiro essa infeliz no braseiro do Templo para que tenha alguma utilidade como carvão.

Todavia, obedeceu e saiu.

Na rua, agrupou-se com os vizinhos e confirmou o horário do desfile fúnebre, a sepultura estava sendo escavada. Aos pobres, sete palmos, na falta de gruta ou mausoléu. Bar-Yona não tinha qualquer parente conhecido para chorar. Pediu a colaboração das mulheres da aldeia, os homens foram em casa e retornaram com as esposas metidas em vestido pretos, do véu à sandália.

Elas entraram na casa e sem precisar combinação prévia, lavaram o cadáver e o cobriram com túnica e manto. O cajado foi deixado ao lado do braço direito.

Às cinco horas da tarde, duas velhas entraram, competradas, os véus cobrindo o rosto, e foram seguidas pelos homens. Elas postaram-se aos pés do falecido.

Na ausência de familiares, os visitantes desobrigavam-se de trocar suas roupas por sacos de vestir, descalçar as sandálias ou retirar os turbantes. Era a Lei. Yossef permaneceu vestido como estava desde a manhã, aproximou-se de Themys e segredou:

As carpideiras são competentes, Bar-Yona pode orgulhar-se.

As velhas concentraram-se e iniciaram o pranto. Não se entendeu o que diziam, apenas algumas palavras foram percebidas: ai ai irmão, coitado, meu Deus. A mais idosa caiu ao solo estonteada pelo esforço demasiado para sua idade e foi socorrida, indagaram-lhe se desejava ser substituída, ela encarou o defunto e garantiu nunca ter abandonado alguém desprotegido das suas rezas e recomeçou o soluço antes mesmo de retomar o seu posto.

Findas as preces e as lamentações, o séquito percorreu as velas. Três outras mulheres incorporaram-se ao coro dos lamentos e gritos das carpideiras. Mais atrás, as mulheres (e Themys) em desalinhada fila, cumprindo seu papel cultural. Themys considerou que algumas delas podiam nutrir interesse pela causa zelota, estavam ruidosas em suas demonstrações de dor, clamor estridente, choro convulso, atirando poeira sobre seus cabelos, atirando-se ao solo.

Themys apressou o passo e colocou-se ao lado de Yossef, para novo espanto dos homens, lugar das fêmeas era separado.

Yossef disse-lhe desejar homenagem igual, mesmo que as pessoas lhe fossem estranhas. No instante seguinte, sussurrou:

Gostaria de afastar-me desse ambiente de dor fingida, podíamos ir para casa e oferecer a ceia fúnebre, como último preito.

Como é essa ceia?

Pão e vinho ingeridos dentro de um ritual.

Você já comprometeu-se demais com Bar-Yona, melhor manter-se junto a todos.

Ele concordou. Para os fariseus, pior que um zelota, só um traidor. Zacariah, uma semana antes da sua viagem, discursou uma prédica contundente banindo os zelotas do céu porque ofendiam os planos de Yaveh e as leis de Moisés. Na verdade ele estava contradizendo-se pois sempre mantivera os zelotas ao seu lado, mas agora, preparava sua promoção adulando o Sumo-Sacerdote.

O cortejo parou.

O corpo de Bar-Yona desceu até o fundo da cova. As mulheres aspergiram aromas e os homens colocaram terra.

Yossef, na beira da sepultura, viu-se deitado lá dentro, as paredes altas, o céu desaparecendo à medida que a terra o cobria, o silêncio, o cheiro forte de barro... e um outro odor não identificado... tateou ao seu redor e seus dedos sentiram pequenas raízes, em breve teria a companhia das minhocas, formigas, ratos... o fedor da carne desfazendo-se, é possível... onde estão os mosquitos da morte? e os vermes, por onde começarão o manjar? que deixassem o cérebro por último, queria pensar, queria decidir...

Themys cutucou-o com o cotovelo e ele abriu os olhos quando jogaram a última pá de terra.

Agora os soldados somem, disse ela.

Eles continuam na Palestina.

Expulsamos uns, outros invadem.

Yossef concordou, diacho, ultimamente só estava concordando com essa mulher:

Que importa a cor da bota militar? Finda uma opressão, surge outra. Se não aparece, criam.

Themys entusiasmou-se com a imagem proposta:

Ponha um homem solitário numa ilha e ele levará seus fantasmas: primeiro, o medo; depois, o tabu; por fim, os deuses.

Não blasfeme!

Não blasfemo, apenas...

Yossef interrompeu:

Bar-Yona encontrou a felicidade, se não estiver purgando pelas mortes praticadas.

Como pode o Deus de vocês condenar um homem que morreu lutando pelo bem? exclamou ela, afastando-se em largas passadas, resmungando, os braços agitados no ar.

Yossef tentou diferenciar o Deus da guerra e o Deus do amor, e não conseguiu.

Manhã cedo saíram de Nazaré.

Na noite anterior Yossef dormiu agitado e sonhou com Mariah. Ele estava comendo pão com vinho e ela lidando no forno. Uma mulher bonita. Estava quente, a fumaça saindo da panela, ela limpou o suor e, talvez percebendo que estava sendo admirada, olhou para Yossef e sorriu. Foi só.

Nada falou a Themys sobre essa visão. Colocou as trouxas com roupa e comida nas cestas presas ao dorso de Caim, passaram pelo poço para abastecer com água os sacos de couro, cumprimentaram as poucas pessoas que encontraram, a ele pouco importava a opinião alheia, já que estava indo embora, e Themys nunca considerou aquela gente, não seria agora na sua despedida.

Decorreram meses desde que os zelotas idealizaram o plano de incendiar Séforis, e o fizeram por metade, mas é assim se que se ganha guerra, escaramuças aqui, ataques ali, os soldados acomodaram-se em seus postos, Nazaré foi deixada em paz, as mulheres disseminaram boatos, os homens continuaram seu trabalho. Em Séforis, o mercado alegrou-se, enfim a construção da nova fortaleza teria início, mais vendas e mais dinheiro para as mesmas mãos. O ideal era exportar para Jerusalém quando acontecesse a grande festa do Chanucá comemorando a reinauguração

do Templo sagrado, o acendimento das velas, as comidas, a alegria, a presença de peregrinos que nada compravam dos galileus porque as fronteiras estavam fechadas.

Os obstáculos para a viagem tinham sido superados, seriam muitos dias de viagem, no mínimo uma semana a passos ritmados.

Themys perguntou por que Nazaré não incorporava a forma de viver dos essênios, tanto quanto ouvira Bar-Yona narrar, eles ajudam-se, a vida é menos pesada.

É ilusão, Themys, os essênios isolaram-se e julgam-se os salvadores. Construtores de um novo mundo. Zacariah dizia que a proposta é caridosa, eles obtêm apoio de novos adeptos, o grupo cresce e, ao crescer, torna-se... como é o nome?... institu qualquer coisa... creio que Zacariah quis referir a clube ou partido e aí os essênios passaram a lutar pelo poder.

Você tem muito de essênio, pelo jeito; aliás, você é um zelota malsucedido.

Bobagem, no fundo os zelotas são socialistas como os essênios, mas um grupo tem motivação religiosa e o outro é político.

Religião e política não são a mesma coisa? Na Grécia, são.

Yossef desinteressou-se pela conversa e já tinha esgotado o que sabia dizer a respeito, estava parecendo que a viagem seria longa e dificultosa com essa mulher filosofando, inventando dificuldades, acesa por um debate, os olhinhos buliçosos, parecia-lhe que ela contentava-se em falar sozinha:

Alguém nos tira dinheiro, alguém sempre detém o poder, se um dia os zelotas assumirem o governo, cobrarão impostos como seus antecessores.

Yossef chutou uma pedra:

Você repete os velhos: que adianta ser jovem e nada mudar? Você só critica!

Ela riu riso gostoso e saltitou pela estrada:

Ô judeuzinho, onde podemos encontrar a generosidade sem a livre escolha?

Sentaram na margem de um córrego, Yossef abriu a cesta de alimentos e Themys mostrou-se esfomeada. Ótimo, pensou ele, enquanto mastiga, não fala. A grega era jovem e incosequente e ele devia decidir o repúdio, Mariah era uma idiota, jogou a felicidade fora.

É verdade que vocês comem gafanhoto?

Ele trancou o pensamento, olhou para trás para considerar o trecho já percorrido, era recomendável desistir, devolver a grega... a quem? Por Yaveh, maldita carona! Pigarreou disfarçando a raiva:

É um prato bastante apreciado, mas difícil de se obter. Comemos gafanhoto inteiro, cozido rapidamente em água e sal, tem gosto de ... a Grécia fica na costa, não é?... gosto de camarão.

Camarão? Não acredito!

Também é apreciado sem cabeça e sem patas, secos ao sol, envolto em mel ou vinagre. Ou ainda (decidiu cansá-la), conforme a cozinheira, reduzido a pó e misturado à farinha, mas assim ficam amargos. A dificuldade (olhou a moça para conferir se persistia prestando atenção, ela estava examinando os dedos dos pés) é saber se os caçadores pagam o dízimo, em geral são agricultores que se dão o trabalho de distribuir armadilhas no campo.

Themys espantou-se com a aula de culinária e fez cara de nojo.

Naquela manhã o vale mostrava tênue nevoeiro, mais encorpado no alto da colina, o inverno anunciando-se, quem sabe até caísse neve este ano. O ar leve, bom de respirar, facilitou a caminhada. Sentiram o cheiro de umidade no espaço aberto e plano, atrás das colinas, as elevações maiores com encostas esverdeadas e agrupamentos de árvores. Nas laterais da estrada, a vegetação era rasteira, mesclada com pedregulhos.

No segundo dia, vencida a planície, Themys correu para galgar uma ladeira verde com flores e seu ímpeto cessou após algumas dezenas de metros. Sentou, feliz, esperando o companheiro que, experiente, manteve o passo.

Deitaram na relva para recuperar as forças, em silêncio. Depois Themys procurou uma árvore para encostar-se, nada viu por perto, olhou Yossef, mandou que sentasse virado para o outro lado e encostou suas costas nas costas dele, como espaldar de cadeira. Ele ficou tenso, tanta proximidade! mas ficou quieto e apesar dela ser uma fêmea, relaxou.

Após um tempo em silêncio, ela perguntou, com voz mansa:

Você já esteve numa cidade grega da Palestina, como Hippos ou Filadélfia?

Não, eu vivo em Nazaré e Séforis e numa oportunidade quase fui a Jerusalém.

Então é a primeira vez que sai da região?

Por causa de Mariah e para submeter-me ao censo pla-

nejado pelos romanos para bisbilhotar minha vida, certamente para criar novo imposto.

Seria do seu agrado conhecer uma cidade grega?

Séforis é uma cidade grega.

Séforis já misturou judeus e gregos, não é a mesma coisa. Numa casa grega comemos deitados, os pés para fora da cama, o corpo apoiado no lado esquerdo... um divã para o shabat, brincou.

Yossef sorriu:

Posição de preguiça.

Preguiça! exclamou ela e colocou-se em pé pronta para continuar a jornada. Os judeus só pensam em trabalhar e tornam-se velhos rabugentos. Vamos embora, ordenou, liderando a marcha.

No terceiro dia desceram até a parte da estrada que penetrava na floresta. Themys, como criança alegre, entusiasmou-se com flores, pedras e árvores que anunciavam vegetação densa, tudo merecendo particular atenção e vários comentários.

Ele deixou-se ficar para trás, não tinha mais o viço daquela moça.

Ela gritou:

Venha, o que faz aí como um poste? Entremos no mato.

Entraram e o solo modificou-se, terra grossa, enegrecida, bastante húmus, aroma silvestre, chilrear de pássaros, queda de temperatura, o apetite de Themys aguçou, enfiou a mão no bernal de alimentos.

Ele quis impedi-la:

Almoço é com sol a pino.

Ela riu, fez-lhe cócegas, venceu sua resistência, ele entregou-lhe a bolsa e contemplou-a comer com voracidade, mastigando, gargalhando, oferecendo bocados, colocando-os na boca dele, empurrando com os dedos os pedaços maiores, esfregando o seu nariz.

A floresta estava terminando. Logo à frente o arvoredo permitia uma abertura por onde entrava a luz; lá adiante o campo, novamente, e muito mais adiante, as montanhas.

O calor úmido obrigava a redução do ritmo dos passos, mais cuidadosos para evitar galhos soltos na trilha, raízes malformadas e serpentes que estivessem alcovitadas em reentrâncias.

Themys despiu o manto, mostrando a túnica em tecido leve que lhe cobria até abaixo dos joelhos. Yossef percebeu o detalhe, as judias cobriam-se até os pés. A saída do mato estava representada por duas pedras altas, separadas entre si pouca coisa e outras menores servindo como degraus. Ele logo pensou: vai subir, e não deu outra, ela correu alguns passos e iniciou a escalada, escorregou, segurou-se como pôde, feriu levemente a mão, lambeu a ferida e completou a ação heroica até atingir o cume das pedras. Colocou um pé em cada bloco e admirou a paisagem.

Ele, sempre atrasado, desta vez para recolher folhas que mordiscava. Enquanto ela respirava fundo e sorria vendo o campo florido, ele aproximou-se pensativo, lembrando o dia em que a grega pintou a sala da sua casa misturando cal com sangue de cabra para dar colorido. Lembrou ter recusado o sangue e obrigou-a a pintar novamente misturando leite. Ela exigiu ao menos uma parede em vermelho e ele

recordou da cor que havia criado com a madeira vermelha e, assim, a grega ficou satisfeita. Ele esboçou um sorriso imaginando ter que lidar com essa estrangeira se casasse com ela, que mão-de-obra! Chegou às pedras, levantou os olhos – essa mulher pode cair! – ele, a grega e o céu, na mesma linha de direção, ela com as pernas entreabertas, a luz, proveniente do espaço livre, delineando seu corpo, indicando coxas proporcionais à cintura fina, os joelhos retos. A leve brisa que viera dar as boas-vindas encostara o tecido aos seios, de bom tamanho, e a boca, cantarolando, boca carnuda, Mariah possuía lábios finos, suas pernas também eram bem esculpidas e os pés... sentiu-se culpado por devassar o corpo da grega, comparar as duas mulheres... uma, em breves dias, nunca mais veria; a outra, em breves dias, seria condenada... esse o seu destino. Sentou no chão, dando as costas para a mulher.

Ela, sem modificar sua posição na pedra, encarou-o longamente. Depois desceu e colocou-se ao seu lado, muda por tempo que pareceu infundável a Yossef. Então, indagou:

Você vai repudiar?

Quando pôde falar, ele confessou estar relutando. Mariah fora sua prometida aos doze anos, gostava dela, mas... como encarar os amigos sem rejeitá-la?

A explicação não foi o encontro com o anjo?

Ele pôs-se em pé, nervoso:

Você pode crer que um espírito tenha sêmen? Ou nascerá uma criança sem a parte do homem?

E o perdão, Yossef, você consegue perdoar?

Perdoar? Por que o faria? Piedade, medo, o quê? Um homem traído não é outra coisa, apenas um rejeitado.

O homem pode acreditar na predestinação, isso faz parte da sua religião.

A predestinação é injusta, macula a humanidade, nos torna simples bonecos.

O Deus de vocês é megalomaniaco?

Caio no pecado, mas não aceito. Prefiro crer que ela errou e uma mulher está proibida de cometer esse tipo de falta.

Themys chutou, com leveza, a areia que pisava:

O que diferencia o homem da mulher? Não somos metade da mesma carne?

Yossef citou Abraão e Moisés.

Themys acariciou-lhe a testa:

Meu querido, é preciso ofuscar a mulher?

Aprendi com meu pai que a mulher é deficitária.

Themys começou a rir:

Deficitária?

Ele enrubesceu:

Se a mulher dá à luz a um varão fica imunda sete dias...

Themys gargalhou:

Deficitária? Nem na Grécia, Yossef, nem na Grécia!

Ele tentou prosseguir:

... assim, a mulher... estancou, estava sendo injuriado pelo riso da grega.

Ela ria sem parar, tentou subir numa árvore, escorreu pelo tronco, rolou pela grama, repetindo deficitária, deficitária, tanto riu que contagiou o amigo que foi perdendo a carranca até o sorriso, sorriso leve, mas sorriso, enquanto ela repetia deficitária, deficitária.

CAPÍTULO QUATORZE

Yossef puxava Caim controlando o horizonte em ambos os lados, estavam em terras da Samaria e todo o cuidado era pouco. Themys, ao seu lado, o seu rosto, os cabelos, os cabelos de Mariah, o filho que não teria, os nomes que idealizara: Benjamin, filho da direita; Jonas, pomba; Jeremias, Yaveh exalta; Yejez Qeel, Yaveh conforta. Ou, sendo (infelizmente) menina: Débora, abelha; Raquel, ovelha. Quem sabe um nome greco-romano, ainda em moda: João Marcos, Shimon Pedro... Até o ensino ele planejara para o filho, antes de casar: nos primeiros anos, a criança ficaria sob a incumbência da mãe; depois, ele, como pai, assumiria a responsabilidade de ensinar a Torah com o auxílio dos anciãos e mostraria os segredos do seu ofício. A escola até os doze anos – seu filho seria mestrel – e o trabalho a partir da adolescência. Percebeu, à sua direita, uma imponente figueira enfeitada com barba de pau. Cuidou um galho grosso com a ponta voltada para o sul, caminho do seu destino, o destino da mulher que lhe impôs a desvalia. Devia dar um basta ao sofrimento, lembrou que a lei proíbe que a mulher peça divórcio, ela não tinha escapatória.

Themys deu-lhe uma leve sacudida com o ombro:

No que você está pensando com esses dedos crispados?

Ele disfarçou:

Minha infância.

Ela bateu palmas:

Ótimo! Adoro histórias de infância.

Não interessa!

Claro que me interessa!

É sem graça.

Para com isso e conta... vai... conta!

Se ele não atendesse, o tormento seria perpétuo:

Quando pequeno, meu pai Cleofas foi trabalhar para o pai de Zacariah e lá residimos um tempo. Zacariah tem uma irmã chamada Marta, da minha idade, e outra irmã, bem mais velha, de nome Sofia. O pai de Zacariah pensou em prometer Marta para o filho do sacerdote Simron e usar o dinheiro do mohar para a compra de um pequeno campo lindeiro. Por algum motivo o velho desistiu do intento e, como eu andava por lá, recomendou que Sofia me vigiasse para evitar que eu pecasse com Marta. Acontece que lá morava o filho de outro empregado, o Immanuel, e seguidamente ficávamos empoleirados em galhos de árvores colhendo frutas ou correndo atrás das cabritas, deliciando-nos com seus alaridos. Yossef calou-se, certos fatos da memória pertencem à intimidade, tinha consciência que a sua índole era voltar-se para o sexo oposto mas, naquela idade de sete anos, a intensa amizade com Immanuel poderia ter fermentado o desejo doentio por outro homem, coisa do diabo, se a Providência não tivesse interferido. Pigarreou e continuou o relato: Sofia a cada dia redobrava os cuidados vigiando a mim, à Marta e a Immanuel. Ela esgueirava-se pelo taquaral, ocultava-se atrás de arbustos, ingressava de inopino no

estábulo sob o pretexto de buscar balde ou ovos postos por fêmeas extraviadas.

Pausa.

Themys cutucou-o:

E aí? acabou? alguém morreu?

As preocupações de Sofia foram recompensadas, uma tarde. Ela avistou-nos entrando no paiol olhando para os lados e quando guri faz assim boa coisa não está preparando. Sofia foi certificar-se das maledicências que cogitávamos. Volteou o paiol por fora, encostou uma caixa na parede sob a janela, subiu e espiou. Nós estávamos (cuidou Themys com o canto dos olhos, conto ou não conto?), nós estávamos com as calças arriadas num exame recíproco.

Themys congelou, podia imaginar qualquer situação a respeito desse judeu, menos sacanagem da grossa, ele com essa cara de coitado... segurou o riso para não constrangê-lo, morria de curiosidade pelo final do drama.

Yossef ficou ansioso com a necessidade crescente de dizer tudo, libertar-se do peso que o acompanhava todos esses anos:

A caixa virou e Sofia caiu fazendo barulho, berrando condenações. Nós corremos puxando as calças e só aparecemos em casa no escuro da noite, esquivos, sabendo do castigo. Entramos e Sofia pulou em nossas cabeças, segurou-nos e nos conduziu ao pai dela, nosso patrão. Immanuel foi sacudido com violência, compelido a contar o que todos sabiam, narrar os detalhes sórdidos da sua culpa. Eu fui seguro pelos cabelos e surrado com tira de couro mesmo que implorasse pedidos de perdão e juras de jamais repetir a desgraça. Fiquei trancado na casa durante três dias

e depois entregue aos doutores da Lei com quem aguardei que Cleofas completasse o trabalho na chácara.

Pausa.

Themys não respeitou esse instante e cutucou, outra vez, com o ombro:

Vamos lá! e a surra do pai?

Cleofas não bateu em mim. Quando voltamos para casa, ele comprou ferramentas e ordenou: você vai trabalhar e seu ofício será a marcenaria. Aprendi a profissão com o carpinteiro da sinagoga, ajudei-o a construir móveis, sempre em nome de Deus, sem nada ganhar. Anos passaram-se e a fidelidade foi recompensada: um homem atrasou tanto o pagamento do dízimo que foi obrigado a entregar sua casa e essa casa foi passada para mim desde que eu pagasse, ainda que com meu ofício, a metade da dívida.

Silêncio.

Themys estava emocionada, agradecida, fora nobilitada com o grande segredo de Yossef.

Ao seu lado estava um homem simples, um homem bom, um homem maravilhoso.

Nuvens negras indicavam chuva para a próxima hora, estava sendo um ano de grande umidade, onde podiam proteger-se? ali parece uma gruta! Yossef atirou uma pedra na reentrância e aguardou. Nada aconteceu. Entraram, acomodaram galhos e pedras e deitaram, a cabeça na abertura do buraco, para respirar, para admirar a chuva, para pertencer à natureza.

Ele encostou o queixo na terra e viu o mundo da altura do capim. Saboreou a descoberta, a grama parecia imen-

sa, as folhas delgadas misturadas às pétalas de florezinhas azuis e amarelas. Fincou os dedos no capim e eles se pareceram toras vertebradas ou aranha de cinco tentáculos. Levantou suavemente a cabeça e deixou a vista na linha superior da grama, um grande tapete verde-amarelado e, lá no fundo, pedras, pássaros e figueiras.

Themys percebeu seus movimentos e o imitou, apoiando-se nos cotovelos:

Existem outras árvores por lá, antes das montanhas. Qual a sua preferida?

Nunca pensei nisso. Lido com todas elas... a oliveira, quem sabe... folhagem verde-cinzenta, frutos saborosos, azeite para a comida... sabe? Essa árvore é tão durável! Atinge doze metros e cinquenta anos... é a árvore da saúde, da alegria, da paz... Salomão utilizou-a para esculpir os querubins do Templo.

Themys virou-se de costas e colocou as mãos sobre os olhos, ocultando-os:

Prefiro o plátano, especialmente no outono. Dizem que o outono é a estação da morte, sem cor, sem folhas, antevéspera do inverno, do gelo. Veja a natureza, estamos recém saindo do outono! Para mim, o outono é fulgurante, promissor, o momento em que a natureza se apronta para a mudança, aceita e prepara o futuro. Do verde à cor ferrugem, os tons que você desejar.

Yossef, agora também apoiado nos cotovelos, olhou a grega tão pertinho, seus ombros tocando os dela levemente, a sua respiração, o cheiro da sua pele. Ela mantinha as mãos segurando o queixo e não olhou para ele.

Ele fez três tentativas para falar:

Pode ser que eu não repudie, esse filho tem que ser meu, onde você ouviu dizer que anjo tem sexo?

Não sei, Yossef, na Grécia não temos anjo, apenas deuses, vários deuses, alguns bem machos.

Pois é, mas não posso deixar vingar a história de que serei pai sem filho e marido sem mulher. Você crê que eu possa aceitar?

Se repudiar, será a versão da sua vida. Melhor perdoar.

Você quer dizer adaptar-me.

É, pode ser essa palavra, tanto faz.

Em qualquer hipótese, serei o judeu errado.

CAPÍTULO QUINZE

A chuva persistiu o resto da tarde e da noite. Yossef adormeceu e, no sonho, Mariah continuava lidando com o forno, era jovem e frágil. Agora ele estava indo para um lugar sem nome, encontrava seus irmãos e recebia a notícia da morte da sua mãe, enterrada como indigente, mas feliz porque ela não enfrentaria a sua vergonha. A cena muda. Mariah, na véspera do parto, as roupas da criança, qual o seu nome? não sabe, deixa que Mariah decida. Ela mexe no forno, é uma mulher de boas ancas, os peitos podiam ser maiores... os pés são lindos!

Acordou, o sol despontando, o chão molhado. Um pastor passou lá longe tocando suas ovelhas, a vida repleta de sons, mais uma jornada e avistarão a muralha de Jerusalém. Lá a despedida de Themys para nunca mais. Considerou, por instante, que podia atrasar a chegada em mais um dia que fosse.

Despertou Themys e colocou as sacolas no lombo de Caim:

Vamos, grega, vamos embora.

Ela nada falou, espreguiçou abrindo os braços, considerou o campo a percorrer, mordiscou os lábios levantando as sobrancelhas, olhou o amigo e acertaram o passo, de mãos dadas.

BIOBIBLIOGRAFIA

Membro da Academia Rio-Grandense de Letras, Cadeira nº 27.

Leciona criação de texto literário.

Magistrado aposentado.

Em 1999 foi eleito membro do Conselho de Avaliação e Seleção do FUMPROARTE e membro do corpo de jurados para a seleção do Prêmio Açorianos de Teatro, ambos eventos da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

No mesmo ano foi eleito Vice-Presidente da Associação Gaúcha dos Escritores e coordenou o I Seminário Nacional de Direito Autoral, no Rio de Janeiro. Em 2000, coordenou o II Seminário Nacional de Direito Autoral, na Feira do Livro de Porto Alegre.

Finalista no Prêmio Açorianos de Literatura, Prefeitura de Porto Alegre, categoria Ensaio, em 2003.

Menção Particular no XXVII Premio Mondiale di Poesia, Provincia Reggio Calabria, Itália, patrocínio Unesco, em 2011.

Finalista no Prêmio Off Flip de Literatura Infanto-juvenil, com o conto Crime da Letra Morta, em 2015.

Publicon:

Minha Mulher Chamava-se Jarbas, contos, Ed. Movimento.

Crônica da Paixão Inútil, romance, Ed. Movimento.
Jogo do Passa-conto, romance, Ed. Italiana.
Bianca di Morano, romance, Ed. Movimento.
Capitão Uiacha e Outros Super-heróis. Coautor: Carlo José G. Laitano. Edição reservada.
Essa Coisa Chamada Justiça, ensaio, Ed. Vozes.
Criação do Texto Jurídico, ensaio, Ed. AGE.
A Cor Verde do Arco-íris, romance, Ed. Movimento.
Criação Literária - da ideia ao texto, ensaio, Ed. Letra&Vida.

Organizou e participou das coletâneas:

Inquietude, Ed. AGE.
Contos de Abandono, Ed. Libretos.
Contos Legais, Ed. Letra & Vida.
Contos do Desejo, Ed. Amb.
Poemas de Amor e Ódio, Ed. Amb.
Tudo na Mais Perfeita Ordem, Ed. Kelps.
Revista da Academia Rio-Grandense de Letras, nº 25, Ed. Letra & Vida.

Editou e participou:

Caderno de Literatura (vários números), Ed. Ajuris.

Participou das coletâneas:

Porto Alegre, Curvas e Prazeres, contos, pela Ed. WS.
Nós, Calabreses, ensaios, Est Editora.
Cuentos de Ley, contos, Ed. UFRGS.

Livro impresso na PrintStore, Porto Alegre
inverno de 2016

Todos os direitos reservados à editora
www.editorametamorfose.com.br

*Acesse o site e conheça outros livros de
José Carlos Rolhano Laitano e outros autores gaúchos*